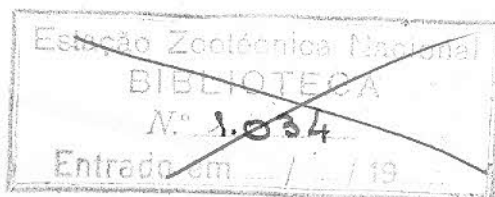
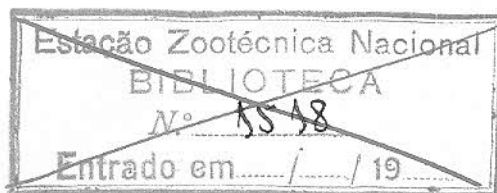


BOLETIM PECUÁRIO



INTENDÊNCIA DE PECUÁRIA DO PÔRTO

Este arrolamento pecuário, trabalho estatístico de grande projecção económica, não pode resumir-se à simples reunião de números extraídos das declarações dos possuidores de gado e animais de capoeira depois de uma propaganda mais ou menos intensa e de uma vigilância atenta na execução das suas várias fases. Possui êle, de facto, um fundamento técnico da mais elevada importância, que a Direcção Geral dos Serviços Pecuários quis tomar a seu cargo.

Para que essa Direcção Geral pudesse usar da maior liberdade, embora a si ficasse toda a responsabilidade na inventariação dos bens pecuários nacionais, foi promulgado o Decreto 24.206, de 21 de Julho de 1934, cujos frutos se não fizeram esperar, porquanto se procedia nesse mesmo ano a um arrolamento' semelhante ao presente; e, se bem que a lei permitisse a realização anual de inquéritos desta natureza, a soma de trabalho que representam, e a possibilidade de, com certa aproximação, se poderem avaliar em determinado momento os efectivos pecuários através das condições económicas da sua exploração, do movimento nos mercados de gado, nos matadouros, etc., justificaram a sua realização em períodos de cinco anos.

Aguardou êste censo pecuário mais um ano, ficando incluído com feliz oportunidade no das Comemorações Centenárias, em que Portugal, depois de ter revivido todo o brilhantismo da sua história e de a ter exposto com extraordinária clarividência ao Mundo, se exteriorizou por largas manifestações da sua actividade presente, patenteou a grandiosidade dos seus valores intellectuais, morais e materiais e se recolheu na própria apreciação das suas fontes vitais.

Precisamente, o último acto dêste reconhecimento consistiu no arrolamento a que êste relatório se refere.

OS TRABALHOS DE MANIFESTO

Empreendimento de uma importância extraordinária pelo número de espécies animais que engloba, e pela justeza de resultados que se pretendem, os quais servirão de base a conscienciosos estudos económicos, de transcendente valia na quadra bélica que a Europa atravessa, importou a muitas entidades grande esforço e aten-

ção e a esta Intendência de Pecuária avultada soma de trabalho no relacionamento das declarações de manifesto de alguns concelhos, na apreciação de muitas centenas dessas declarações e na dedução das conclusões a apresentar superiormente.

Em geral a execução do manifesto decorreu satisfatoriamente na maioria dos concelhos do distrito do Pôrto; naqueles em que se não observou tão favorável resultado, devem tornar-se responsáveis quasi só os donos de animais de capoeira.

Conquanto se possam apurar concelhos onde o manifesto foi perfeito, aliando-se ao preenchimento correcto das declarações a afluência às regedorias de um número praticamente total de possuidores de gado e animais de capoeira, este serviço estatístico não resultou todavia tão completo quanto seria lícito esperar, pois manifestos de vária ordem, nomeadamente dos ramos de produção agrícola, são frequentes e já não causam estranheza entre os lavradores; mas é que, além destes, foram também abrangidos muitos indivíduos de meios urbanos e semi-urbanos, não tão habituados a estas declarações, os quais mostraram relutância em as fazer ou lhes não prestaram a devida atenção apesar das convenientes informações públicas.

Estamos contudo persuadidos de que, com os meios de propaganda em uso, que não são poucos, o manifesto não poderia ficar muito mais completo.

Além dos editais afixados nos lugares do costume, a divulgação das obrigações a que se encontravam sujeitos os possuidores de gado e animais de capoeira, foi levada a efeito pelos párcos, a quem se deve inestimável serviço pela elucidação prestada aos seus paroquianos sobre a natureza e fins do manifesto.

Também em quasi todos os concelhos do distrito do Pôrto os regedores foram convocados pelos Delegados Policiais a reunirem nas Câmaras Municipais para receberem instruções sobre a execução do arrolamento e fazer-se-lhes compreender o interesse d'ele corresponder quanto possível à verdade.

Por sua vez esta Intendência de Pecuária solicitou e obteve a publicação de informações nos jornais de cada concelho e nos diários do Pôrto, as quais se vieram juntar a outras notícias já publicadas por intermédio da Direcção Geral dos Serviços Pecuários. Como refôrço, alguns veterinários municipais, em semanas sucessivas, fizeram publicar notas de divulgação em hebdomadários locais.

Em todos estes artigos, nos quais se expôs o interesse nacional do arrolamento, as espécies animais por elle abrangidas e a gravidade das penas cominadas aos transgressores, se acentuou que as declarações possuíam carácter estritamente confidencial e não podiam em caso algum servir de base para quaisquer fins tributários.

Mas esta Intendência de Pecuária recorreu ainda a outro grande meio de divulgação — a radiodifusão. E assim obteve autorização para os sete postos particulares desta cidade anunciarem as obrigações do manifesto, acabando por convidar todos os interessados a apresentarem as respectivas declarações nas regedorias das suas áreas. A estas emissões dos postos regionais devem acrescentar-se as promovidas pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, transmitidas pela Emissora Nacional e retransmitidas pelo seu pôsto do Pôrto.

Certamente que nenhum outro recenseamento pecuário foi acompanhado de tão insistente divulgação por tão variados processos como o de agora.

Para completar os meios habituais de propaganda só faltaram os cartazes alusivos e berrantes profusamente afixados pelas paredes; e se falamos destes car-

tazes, é porque, dadas as falhas mais tarde verificadas nos centros urbanos, êles teriam sido de grandes vantagens nesses centros, bastante alheados, por via de regra, destas obrigações accidentais. Contudo a propaganda em jornais não ficou, como veremos, limitada ao período que antecedeu a imediata realização do arrolamento.

A 20 de Janeiro começaram a receber-se os documentos de manifesto, remetidos directamente pelas regedorias dos dois bairros do Pôrto.

Notou-se porém tamanha redução no número de declarantes em relação ao do arrolamento de 1934, que se tornou necessário convidar os regedores dessas freguesias a comparecerem nesta Intendência de Pecuária para informarem das causas de tais diminuições, que em algumas freguesias atingiram dois terços, e receberem instruções para levarem a bom têrmo o trabalho que lhes fôra cometido.

Pelas suas informações ficámos sabendo que, apesar das notas de transgressão serem negativas, perdurava a suspeita de que muitos possuidores de animais, principalmente donos dos das espécies de capoeira, os não haviam manifestado.

Citaram ainda êsses regedores as dificuldades com que lutaram para conseguir o reduzido número de declarações que obtiveram no meio ignorante e pobre de certas zonas da cidade, e fazerem conhecer individualmente aos possuidores de animais de capoeira a obrigação de os manifestarem. Alguns regedores tentaram mesmo a distribuição domiciliária dos impressos por intermédio de guardas da policia ou de indivíduos inscritos no Commissariado do Desemprêgo, para o que requisitaram êsse pessoal, mas a deficiência dêsses guardas e a impossibilidade das regedorias pagarem aos desempregados impediram a prática de tal serviço.

Desta reunião com os regedores do Pôrto resultaram novas notificações nos jornais da cidade e, em dias sucessivos, pequenas notícias das regedorias a avisarem os possuidores de gado e animais de capoeira para a obrigação do manifesto, esclarecendo que os fins dêste eram apenas estatísticos e de estudo económico.

Neste grande centro populacional, como noutros mais pequenos, o sucesso das declarações não pôde deixar de limitar-se quási exclusivamente à propaganda dos jornais, bem pouco lidos por algumas classes, e às fugazes emissões dos postos de radiodifusão, porquanto os avisos e esclarecimentos dos párcos estão bem longe de surtirem aqui os benéficos efeitos com êles conseguidos nos meios rurais.

Como principais causas da falta de manifesto por parte dos possuidores de animais de capoeira devemos colocar o receio que lhes inspiram tais declarações no momento incerto que a Europa atravessa, circunstância que levou mesmo muitos dêles a desfazerem-se antecipadamente dos animais, e o acto de alguns negociantes de ovos e criação num e noutro meio rural, onde propalaram que o manifesto, no referente às aves, tinha em vista a futura requisição destas.

Em segundo lugar collocaremos a ignorância em que nas zonas urbanas se encontravam muitos donos dêsses animais, quanto à obrigação de os manifestarem.

Ainda citaremos, como já dissemos, o pouco hábito das pessoas domiciliadas nesses centros fazerem declarações dêste género.

Devemos por último acentuar que muitos indivíduos tiveram certamente noticia das obrigações do manifesto, mas uns não as teriam acatado por desleixo e outros por propositada desobediência.

Todavia mesmo nalgumas freguesias rurais se poderiam ter obtido resultados mais satisfatórios se ao desleixo dos possuidores se não associasse uma ou outra vez

a negligência de alguns regedores. É assim que, depois de dado público conhecimento da realização do manifesto e do pároco da freguesia ter acedido a fazer repetidos avisos aos retardatários, se admite haver ainda alguns faltosos.

Este resultado tem-se tornado possível por os costumados transgressores ficarem impunes, mercê dos regedores lhes ocultarem os nomes ou do seu pouco zêlo em os procurarem conhecer.

É interessante notar que muitos regedores com quem nos tivemos de avistar para averiguações sôbre os resultados do manifesto, se achavam demissionários por se sentirem prejudicados com os muitos serviços que, sem qualquer retribuição, se lhes exige. É certo que por cada declaração preenchida a rôgo poderiam receber 0\$20, mas isso só raramente acontece, porque os manifestantes analfabetos preferem recorrer a um amigo vizinho, que em regra preenche declarações em série e em tôdas comete os mesmos erros.

Não sendo, pois, os regedores estimulados ao ponto de se dedicarem melhor aos serviços, limitam-se, por via de regra, a entregar os impressos a quem lhes solicita, e a receberem-nos mal ou bem preenchidos, freqüentes vezes até com as colunas de inscrição dos animais em branco.

Algumas destas autoridades das freguesias urbanas alegaram que, se lhes fôsse autorizado cobrarem 0\$10 por cada declaração, obteriam certamente margem para encarregarem alguns desempregados da distribuição domiciliária dos impressos, donde resultaria só por lapso deixar de ser feito algum manifesto, que, fora isso, seria correcto em face dos esclarecimentos do encarregado dessa distribuição.

Entre as entidades que mostraram maior interêsse pela boa execução do arrolamento, devemos citar em primeiro lugar os veterinários municipais, alguns dos quais se não pouparam a esforços para êle resultar impecável e sem o que os apuramentos não poderiam aproximar-se tanto do rigor alcançado. Entre êstes técnicos muito nos apraz destacar os de Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Matozinhos, Paredes, Penafiel e Vila do Conde, que não só trabalharam conscienciosamente na propaganda do manifesto e na orientação dos regedores, como também, depois de receberem os documentos, se ocuparam em recolher o maior número possível de declarações nas freguesias onde se suspeitava que haveria mais transgressores, e procederam às necessârias diligências para desfazer muitas incorrecções dos declarantes ao preencherem os respectivos impressos.

Cumpre também mencionar o bom serviço dos delegados policiais, que acolheram favoravelmente os bons desejos da Direcção Geral dos Serviços Pecuários quanto à realização dêste inquérito na área dos seus respectivos municípios, merecendo destacar o interêsse revelado pelos dos concelhos de Lousada e Marco de Canaveses, ambos desprovidos de veterinário municipal.

Os Sindicatos Agrícolas, em face da sua integração na Ordem Corporativa, e os Grémios da Lavoura, em organização, muito pouca colaboração puderam prestar aos trabalhos do arrolamento. São no entanto entidades cujo concurso se não pode dispensar em inquéritos futuros.

Os párocos, como dissemos, prestaram um dos mais valiosos auxílios com a sua influência moral e com as elucidações fornecidas aos paroquianos.

Por parte dos regedores observou-se, em regra, boa vontade de levar a têrmo o importante trabalho que lhes competia. Alguns fizeram-no mesmo com dedicação

e sacrifício e não tiveram dúvidas em investigar e denunciar os transgressores; outros, porém, principalmente nos centros populacionais, limitaram-se apenas a aceitar as declarações de manifesto.

MANIFESTANTES

Intercalamos a seguir o número de manifestantes por concelhos e o confronto das correspondentes cifras com as do arrolamento de 1934.

CONCELHOS	MANIFESTANTES		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito	102.547	94.434		8.113
Amarante	6.703	7.042	339	
Baião	5.205	5.501	296	
Felgueiras	5.029	5.163	134	
Gondomar	7.548	6.282		1.266
Lousada	3.816	4.244	428	
Maia	3.697	3.446		251
Marco de Canaveses	6.619	6.859	240	
Matozinhos	5.948	5.224		724
Paços de Ferreira	3.080	3.082	2	
Paredes	4.960	5.194	234	
Penafiel	6.730	7.365	635	
Pôrto — 1.º Bairro	7.373	3.883		3.490
Pôrto — 2.º Bairro	6.813	4.246		2.567
Póvoa de Varzim	2.865	3.241	376	
Santo Tirso	5.878	6.597	719	
Valongo	2.800	2.229		571
Vila do Conde	4.297	4.315	18	
Vila Nova de Gaia	13.196	10.521		2.675

Em globo, na área desta Intendência de Pecuária registaram-se agora menos 8.113 manifestantes, o que corresponde a uma diminuição de 8 % em relação a 1934.

Parecerá à primeira vista que estas expressões numéricas traduzem um abandono da exploração pecuária, o qual se tornaria particularmente impressionante se entrássemos em conta com o acréscimo do número de fogos, superior a 12 % nos últimos seis anos, tomando como base o movimento demográfico do distrito do Pôrto na última década

No entanto a baixa do número de manifestantes não acusa relação com o movimento dos gados; apenas acompanha a variação em animais de capoeira. Lamentamos não possuir elementos relativos ao número de manifestantes de gado

em 1934, para com mais evidência podermos demonstrar que o número dêstes aumentou.

Por comodidade, iniciaremos a comparação e interpretação das diferenças entre os manifestantes nos arrolamentos de 1934 e de 1940 pelos concelhos em que estas se verificaram para menos, os quais, por ordem decrescente, se dispõem como segue:

Pôrto	6.057	ou	43 %
Vila Nova de Gaia	2.675	»	20 %
Gondomar	1.266	»	16 %
Matozinhos	724	»	12 %
Valongo	570	»	20 %
Maia	251	»	7 %

Pôrto — As freguesias dos dois bairros do Pôrto, que mais concorreram para a considerável baixa apurada no número de declarantes, foram as do centro da cidade, conseqüentemente as mais urbanas.

A freguesia de Aldoar, de carácter inteiramente rural, não apresentou alteração no número de declarações; as de Ramalde e Paranhos, das mais acentuadamente rurais, foram as que acusaram menores diferenças para menos.

Não resta dúvida que houve grande número de abstencionistas nas freguesias em que se observaram maiores reduções, como até certo ponto ficou demonstrado com as quasi 1.500 declarações da cidade do Pôrto enviadas a esta Intendência de Pecuária já depois de terminado o prazo, em conseqüência de se haver procedido a novos avisos sobre a obrigatoriedade do manifesto. Os regedores, unânimes em declarar que não tinham conhecimento de transgressores, não asseveraram contudo que de facto os não houvesse.

Já observámos quão difficil é conseguir uma divulgação eficaz de assuntos dêste género em meios essencialmente urbanos e ligar o interêsse dos possuidores citadinos de animais de capoeira às obrigações de manifesto, factos que deveriam ter igualmente ocorrido quando do arrolamento transacto; mas neste acresce, certamente por muito, o temor notado entre as pessoas pobres possuidoras dêsses pequenos animais, tão numerosas nesta cidade, de os manifestarem por virtude do actual estado de guerra, a que há-de ainda juntar-se a redução derivada do seu desgaste por efeito das difficuldades no abastecimento de carne e aumento do preço desta.

A assim, enquanto o número de declarantes de animais de capoeira diminuiu consideravelmente, admitimos que o dos possuidores de gado se haja conservado sensivelmente inalterável.

Vila Nova de Gaia — Na área dêste município os factos repetem-se semelhantemente aos do Pôrto no tocante às freguesias urbanas de Vila Nova de Gaia e Mafamude, seguidas pela de grande densidade populacional de Oliveira do Douro. Em algumas das restantes, embora muito populosas como é característica do concelho, nota-se exagêro de baixas, que poderá denunciar menor interêsse de certos regedores pelo trabalho do manifesto. As freguesias que accusam aumento, pertencem à parte mais acidentada e rústica do concelho.

Gondomar — O arrolamento não decorreu pela forma mais satisfatória, muito especialmente nas freguesias mais povoadas, como sejam as de Rio Tinto, Gondomar, Valbom e Fânzeres.

O veterinário municipal procedeu a várias diligências junto dos regedores e, por intermédio dos párocos, procurou divulgar ao máximo o interesse do manifesto. Da sua actividade resultou a colheita, depois de extinto o prazo, de mais algumas centenas de declarações.

Entre os regedores que mais zêlo demonstraram, citaremos o de Melres, que denunciou nove transgressores depois de confrontar as declarações com os fogos da freguesia. O regedor de S. Pedro da Cova indicou outro transgressor.

Admitimos que, apesar de todo o esforço dispendido, devam existir neste concelho muitos transgressores — bastantes dezenas de proprietários de gado e algumas centenas de possuidores de animais de capoeira.

Matozinhos — O trabalho do manifesto fez-se com certa regularidade.

Como nos concelhos precedentes, as freguesias urbanas de Matozinhos e Leça da Palmeira acusam sensível baixa em declarantes de animais de capoeira.

Temos conhecimento de que na freguesia da sede do concelho se estabeleceu certo pânico entre os donos de galinhas por se haver propalado que o arrolamento visava o sequestro das aves por motivo de guerra. Segundo nos informaram, muitos possuidores abateram-nas antes do prazo a que se referia o manifesto.

É natural que existam bastantes transgressores nesta freguesia.

As oscilações das restantes freguesias devem considerar-se como normais e não atingem os possuidores de gado.

Valongo — Este concelho foge à índole urbana de certas zonas a que nos vimos referindo. Trata-se de um município com uma só freguesia bastante povoada, a de Ermezinde, onde a diminuição de declarantes fôra prevista.

No entanto observa-se igualmente um grande decréscimo no número de manifestantes em freguesias rurais, como as de Campo, Valongo e Sobrado, efeito da enorme crise por que estão a passar em consequência de haver paralizado a exploração das minas de ardósia de Valongo, onde se empregavam cêrca de dois milhares de operários, hoje na miséria.

Maia — As variações para menos devem recair também sôbre os donos de animais de capoeira, de que suspeitamos existirem muitos transgressores nas várias freguesias. Pelo contrário, admitimos aumento de manifestantes de gado.

Os concelhos que acusaram diferenças absolutas para mais quanto ao número de declarantes dispõem-se pela seguinte ordem progressiva.

Paços de Ferreira	2	
Vila do Conde	18	ou 0,4 %
Felgueiras	134	» 2,6 %
Paredes	234	» 4,7 %
Marco de Canaveses	240	» 3,7 %

Baião	296	»	5,7 0/0
Amarante	339	»	5 0/0
Póvoa de Varzim	376	»	13,1 0/0
Lousada	428	»	11,2 0/0
Penafiel	635	»	9,4 0/0
Santo Tirso	719	»	12,2 0/0

Paços de Ferreira — Concelho de tipo rural, sem apreciáveis aglomerados urbanos, o número de manifestantes equilibrou-se com o do arrolamento transacto.

A entrega de declarações dos possuidores de gado e animais de capoeira nas regedorias, segundo conclusões a que esta Intendência de Pecuária chegou depois de proceder a averiguações em várias freguesias, não dá motivo a suspeitar de um número de transgressores superior à pequena percentagem que é natural admitir.

Devemos entretanto registar que êste concelho, que nas últimas décadas acusava notável progresso na exploração armentosa e na produção de animais de capoeira, retrogradou nos últimos anos e sob êste respeito encontra-se agora em circunstâncias análogas às dos concelhos limítrofes.

Esta crise pecuária do concelho de Paços de Ferreira pode verificar-se bem ao certificarmos de que em mais de metade das freguesias aumentou o número de manifestantes mas diminuiu o efectivo de gados ou de animais de capoeira. Quanto a cada espécie, em altura própria ventilaremos as causas dessa quebra.

Vila do Conde — Muito embora os regedores declarassem não terem conhecimento de transgressores na área da sua acção, certo é que nas freguesias com maior redução no número de manifestantes alguns transgressores deverão ter contribuído para êsse resultado. Há-de porém exceptuar-se a de Vila do Conde, sede do concelho, onde posturas municipais impediram a deambulação de animais de capoeira e de suínos pelas ruas; para a redução do número de declarantes nesta freguesia, que deve atribuir-se a essa medida, contribuiu principalmente o desaparecimento de muitos possuidores de animais de capoeira.

Os aumentos noutras freguesias são normais e correspondem até certo ponto ao acréscimo do número de fogos e à arroteia de alguns terrenos de bouça e pinhal.

Felgueiras — O trabalho do manifesto decorreu por uma forma satisfatória, se bem que, em nossa apreciação, o número de declarantes em certas freguesias muito rústicas devesse ter aumentado um pouco mais em relação ao que se verificou.

As reduções mais evidentes no número de manifestantes notam-se em freguesias com aglomerados urbanos, onde, como foi regra geral no distrito, o quantitativo de declarações diminuiu à custa dos possuidores de animais de capoeira.

Na freguesia da sede do concelho foi apontado um abstencionista pelo respectivo regedor.

Paredes, Marco de Canaveses, Baião e Amarante — Comportaram-se de maneira semelhante êstes concelhos, onde se regista apreciável aumento de manifestantes. A maior parte das freguesias da área dêstes municípios apresentaram diferenças para mais; a diminuição em algumas outras não é anormal.

Indicados pelo regedor, registaram-se cinco transgressores na freguesia de Real, concelho de Amarante.

Póvoa de Varzim, Lousada, Penafiel e Santo Tirso — Já porque os resultados do último recenseamento não fôsem tão fiéis como os do presente, já porque êstes concelhos acusam de facto progresso na indústria pecuária, êles revelam a mais favorável expressão do actual arrolamento.

Nota-se nas sedes dos concelhos da Póvoa de Varzim e de Santo Tirso redução numérica de manifestantes de animais de capoeira.

Lousada é o concelho em que, mercê do zêlo das entidades administrativas, se observou a maior constância de variação positiva no número de declarantes. Apenas duas freguesias acusaram pequena diferença para menos.

Os respectivos regedores apontaram dois transgressores na freguesia de Vilar e Alentém, concelho de Lousada, e cinco na de A Ver-o-Mar, concelho da Póvoa de Varzim.

Resumindo, poderemos concluir que nos concelhos rurais afastados do Pôrto o número de manifestantes não pecou por deficiência de modo a admitir-se quantidade anormal de abstenções. Nesses concelhos observou-se, em regra, aumento de declarantes em relação ao arrolamento de 1934, o que seria de esperar em face do acréscimo da população e do número de famílias, da maior divisão da propriedade, da passagem de alguns tractos de bravio à produção arvense e até mesmo de algum progresso na intensificação da exploração da terra, sempre pouco extensa para alimentar tão elevada densidade humana.

Na cidade do Pôrto e nas freguesias mais urbanas e populosas dos concelhos limítrofes observou-se diminuição de manifestantes que em 1934 eram possuidores de animais de capoeira. Pondera-se que entre êsses possuidores é de presumir grande número de transgressores não denunciados pelos respectivos regedores.

Não podemos estabelecer a destringa e útil comparação entre os possuidores de gado e os de animais de capoeira num e noutro recenseamento, porque nos faltam os elementos respeitantes ao de 1934.

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

Após os quadros seguintes, nos dois primeiros dos quais se inscrevem normalmente os effectivos específicos agora averiguados e seus correspondentes valores pecuniários, e nos dois outros se menciona a evolução numérica das espécies pecuárias através dos vários arrolamentos e se confrontam as variações quantitativas entre as existências apuradas nos dois últimos, iremos apreciar essas variações segundo a ordem habitual em trabalhos desta natureza.

Indicaremos também algumas deficiências mais importantes no preenchimento das declarações de manifesto quando tais deficiências possam ter tido qualquer repercussão nos apuramentos finais do actual censo pecuário.

Efectivos pecuários em 1940
(Cabeças naturais)

CONCELHOS	G A D O S										ANIMAIS DE CAPOEIRA				
	Eqüinos	Mares	Asininos	BOVINOS		Ovinos	Caprinos	Suínos	Galinhas	Patos	Perus	Pombos	Coelhos		
				de trabalho	leiteiros									Total	
Amarante	383	84	136	7.188	1.266	8.454	12.333	3.726	5.711	41.574	319	510	2.244	4.105	
Baião	225	100	142	4.122	447	4.569	11.733	4.412	3.322	27.286	231	240	726	2.257	
Felgueiras	199	249	65	5.414	1.315	6.729	1.590	1.244	4.026	43.435	588	672	4.811	5.526	
Gondomar	85	73	23	3.838	2.014	5.852	1.706	701	3.977	30.256	283	474	3.920	4.856	
Lousada	176	71	46	3.269	1.497	4.766	3.206	775	3.298	36.678	324	429	4.187	2.992	
Maia	69	7	24	2.712	2.718	4.890	1.393	237	2.339	20.643	327	401	4.531	3.146	
Marco de Canaveses	259	39	54	5.558	1.937	7.495	12.426	2.940	5.319	45.813	204	340	1.775	4.030	
Matosinhos	184	22	22	1.485	3.707	5.192	1.093	188	2.335	29.883	430	512	7.891	4.313	
Paços de Ferreira	86	11	32	1.510	1.855	3.365	2.358	161	2.421	24.208	226	309	4.910	1.150	
Paredes	125	88	74	3.655	3.021	6.676	4.951	914	4.598	38.297	422	387	2.786	3.819	
Penafiel	165	85	70	7.029	2.578	9.607	7.778	1.946	6.472	54.198	478	530	2.746	4.104	
Pôrtó	169	163	14	1.023	1.344	2.367	414	120	2.770	46.574	1.329	1.686	13.194	6.604	
Póvoa de Varzim	368	35	290	2.521	1.570	4.091	1.871	221	1.750	20.169	177	308	6.487	3.202	
Santo Tirso	143	60	33	5.025	2.501	7.526	3.993	476	4.880	46.452	554	823	9.133	3.528	
Valongo	82	31	42	1.613	941	2.554	782	302	1.127	12.445	219	230	1.780	1.793	
Vila do Conde	362	17	53	4.728	3.564	8.292	4.309	95	2.754	32.701	577	703	8.484	4.450	
Vila Nova de Gaia	93	54	39	5.115	4.637	9.752	2.713	1.155	4.900	53.560	1.242	1.214	12.336	10.500	
Totais (distrito)	3.173	1.189	1.159	65.265	36.912	102.177	74.649	19.614	61.999	604.172	7.930	9.768	91.941	70.405	

Valor dos efectivos pecuários

(Escudos)

CONCELHOS	Eqüinos	Muarees	Asininos	Bovinos	Ovinos	Caprinos	Suínos	Galinhas	Patos	Perus	Pombos	Cochos	Total
Amarante	383.000	109.200	27.200	9.234.600	616.600	279.400	1.713.300	291.200	14.300	15.300	3.400	16.400	12.703.900
Baião	225.000	130.000	28.400	5.190.000	586.600	353.000	996.600	191.000	10.400	7.200	1.900	9.000	7.729.100
Felgueiras	218.900	328.600	16.200	8.638.400	87.400	105.700	1.409.100	504.000	26.500	20.200	7.200	22.100	11.184.300
Gondomar	119.000	124.100	5.700	7.876.600	93.800	66.600	1.391.900	211.800	12.700	14.200	5.900	19.400	9.941.700
Lousada	193.600	99.400	11.500	5.089.500	176.300	73.600	1.154.300	256.800	14.600	12.900	6.300	12.000	7.100.800
Maia	103.500	12.600	8.400	6.960.200	90.500	23.700	935.600	144.500	14.700	12.000	6.800	12.600	8.325.100
Marco de Canaveses	259.000	60.700	13.500	9.061.500	621.300	219.900	1.595.700	320.700	9.200	10.200	2.700	16.100	12.220.500
Matozinhos	276.000	44.000	7.700	7.246.800	71.000	20.700	934.000	209.200	19.300	15.300	11.800	17.200	8.873.000
Paços de Ferreira	103.200	16.500	9.600	4.701.200	141.500	15.400	847.400	169.400	10.400	9.300	7.400	4.600	6.035.900
Paredes	150.000	132.000	22.200	8.837.200	272.300	86.800	1.609.300	268.100	18.900	11.600	4.200	15.400	11.428.000
Penafiel	198.000	127.500	21.000	12.615.000	427.800	194.600	2.265.200	379.400	21.500	15.900	4.100	16.400	16.286.400
Pórtó	219.700	358.600	4.900	3.188.100	25.500	13.200	1.246.500	326.000	59.800	50.600	19.800	26.400	5.539.100
Póvoa de Varzim	515.200	59.500	87.000	5.543.500	112.300	22.100	612.500	141.200	8.000	9.200	9.700	12.800	7.133.000
Santo Tirso	228.800	114.000	9.900	10.949.600	239.600	47.600	1.708.000	325.700	23.900	24.700	13.700	14.100	13.699.600
Valongo	106.600	49.600	12.600	3.461.700	39.100	27.200	394.500	87.100	9.800	6.900	2.700	7.200	4.205.000
Vila do Conde	651.600	37.400	18.500	12.076.800	280.100	10.400	1.101.600	225.400	26.000	21.100	12.700	17.800	14.479.400
Vila Nova de Gaia	111.600	81.000	11.700	12.388.000	144.200	15.500	1.715.000	374.900	55.900	36.400	18.500	42.000	15.099.700
Totais (distrito)	4.062.700	1.884.700	316.000	133.058.700	4.030.900	1.705.400	21.630.500	4.226.400	355.900	293.000	281.500	281.500	171.984.400

Efectivos pecuários através dos vários arrolamentos

(Cabeças naturais)

ESPÉCIES	1870	1920	1925	1934	1940	Diferenças entre os dois últimos	
						Para mais	Para menos
Gados							
Eqüinos	5.094		3.787	3.148	3.173	25	
Muares	2.034		1.194	1.289	1.189		100
Asininos	2.241		1.660	1.339	1.159		180
Bovinos	62.882	99.690	95.406	99.862	102.177	2.315	
Ovinos	41.869	79.709	86.578	63.411	74.649	11.238	
Caprinos	10.457	23.721	26.236	20.467	19.614		853
Suínos	62.856	51.233	66.366	54.511	61.999	7.488	
Animais de capoeira							
Galinhas				707.729	604.172		103.557
Patos				7.328	7.930	602	
Perus				10.040	9.768		272
Pombos				142.094	91.941		50.153
Coelhos				68.084	70.405	2.321	

Diferenças em relação ao arrolamento de 1934

CONCELHOS	Eqüinos		Muares		Asininos		Bovinos		Ovinos		Caprinos		Suínos	
	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos
Distrito	25			100		180	2.315			11.238			853	7.488
Amarante	3			8		25	484			1.531			735	1.103
Baião	19			10		4	73			1.412			735	257
Felgueiras		29		4	2		437			132	257			1.736
Gondomar		16	2					623		39		150		121
Lousada	5			12		13	326			808		192		1.022
Maia	11		1		8		480			510		56		407
Marco de Canaveses	6			19		46	903			2.182		238		1.314
Matozinhos	25		2			1	107				76	50		445
Paços de Ferreira		1		9		13		389		84			26	
Paredes		12		6		27	130			1.034		81		1.080
Penafiel	6		6			27	1.028			1.689		11		1.982
Pórtico		38	2		4			486		60		21		184
Póvoa de Varzim	125		5		31		324			337		112		684
Santo Tirso		67	15			48	147			1.265		101		1.131
Valongo	31			30		1		250		7		30		
Vila do Conde	2			11		13	471			224			5	322
Vila Nova de Gaia		45		24		7		847				167		

Cabalinós — O número destes animais agora arrolados equilibra-se com o do manifesto de 1934.

Todavia, bem comparados esses números, conclui-se pelo aumento do efectivo cavalár, porquanto deixaram de considerar-se os equinos dos corpos militares aquartelados no Pôrto, que no arrolamento transacto foram contados, pelo menos os de um regimento.

Nos mapas de apuramento concelhio, enviados oportunamente à Direcção Geral dos Serviços Pecuários, faz-se, em nota, referência ao número de solípedes pertencentes às unidades militares dependentes dos Ministérios da Guerra e do Interior.

As variações nos concelhos onde a criação não interessa, são, a bem dizer, desprovidas de significado especial, tanto pela reduzida quantidade de cabeças que constituem os efectivos desses concelhos, como pela insignificante diferença numérica entre o actual arrolamento e o de 1934.

Esta circunstância respeita particularmente à zona sub-montanhosa do distrito, onde o cavalo pequeno ainda continua a ser muito utilizado na tracção de pequenas carroças de feirantes e no serviço de carga a dorso ou no de sela.

Nas zonas onde se pratica a criação, isto é, na zona montanhosa e no litoral ao norte do Douro, observam-se as seguintes tendências:

Na primeira, onde a totalidade dos cabalinós pouco subiu, tal acréscimo resulta do encontro de uma baixa apreciável no efectivo de cavalos e éguas de mais de três anos com o aumento numérico de poldros e poldras até essa idade.

Este facto, registado nos concelhos de Amarante, Baião, Marco de Canaveses e um pouco no de Felgueiras, parece denunciar maior interesse pela criação e recreação de cavalos de pequeno porte depois de um tanto abandonadas alguns anos.

Foi apercebendo-se de tal facto que esta Intendência de Pecuária propôs o estabelecimento de dois postos hípicas oficiais nessa região, servidos por garanhões da raça luso-galiziana.

Para este estímulo da produção cavalár deve ter contribuído o aumento de preço dos garranos, provocado pela procura destes animais para o Exército.

Na zona litoral, onde se faz alguma criação de cavalos de marca, os efectivos, tanto de machos como de fêmeas, mantêm-se estacionários em relação a 1934, mas supomos que algo decrescentes nos últimos três anos por efeito da dificuldade que os lavradores cada vez encontram mais na produção deste tipo equino para o Exército, vista a impossibilidade de manterem os poldros recolhidos até aos quatro anos, idade só a partir da qual podem ser entregues à remonta. Tal o motivo por que algumas éguas registadas como produtoras de cavalos para o Exército andam agora afectas à produção mulateira.

Se a exploração hípica não manifesta actualmente franco declíneo nesta zona, deve-se isso em parte à influência de um importante negociante de cavalos de S. Romão do Coronado, que adquire, ainda bastante novos, os poldros filhos de éguas registadas e os manda seguidamente a recriar no distrito de Bragança.

Contudo o concelho da Póvoa de Varzim acusa aumento no número das éguas com mais de três anos, algumas de marca, o que deve atribuir-se um tanto à influência do Depósito da Garanhões e Posto Hípico de Barcelos e, mais pronun-

ciadamente, ao largo uso dos cabalinos naquele concelho, ali muito empregados a transportarem aos mercados os produtos da terra, principalmente a batata, cuja cultura se encontra progressiva nas freguesias marítimas, precisamente onde agora se regista apreciável acréscimo de equinos.

Na cidade do Pôrto nota-se que a viação mecânica continua a eliminar o cavalo de tracção.

Muares — A redução de muares acusada no presente arrolamento é de 8 % em relação ao de 1934. Desta forma o seu efectivo aproxima-se bastante do apurado em 1925.

Estes híbridos, que pouco interessam à região, são mantidos quasi exclusivamente pelos moleiros, que os preferem geralmente aos cavalos no serviço de carga a dorso.

A pouca produção e recriação, que se faz especialmente no concelho de Felgueiras, não acusa tendência para aumentar.

Asininos — O decrescimento numérico de cabeças desta espécie, que foi, por assim dizer, geral em todo o distrito, continua a trajectória há muito iniciada e atingiu 13,4 %.

A maior excepção observa-se no concelho da Póvoa de Varzim, onde se regista um aumento, particularmente de fêmeas adultas, nas freguesias marítimas, o que, como para os cabalinos, se explica pelo alargamento das áreas de cultura na beira-mar, principalmente da batata, e pela necessidade de transporte rápido destes primores aos mercados próximos.

Os pequenos lavradores, falhos de capacidade para adquirirem e manterem cavalos, recorrem às jumentas, que por via de regra exploram também na criação.

Bovinos — Relativamente ao arrolamento de 1934, o efectivo total acusa o aumento de 2.315 cabeças, correspondente a um acréscimo de 2,3 %.

Para melhor e mais facilmente apreciar e interpretar estas variações, será interessante acompanhar o movimento da exploração deste armentio no intervalo dos dois manifestos.

Desde 1937 que o preço deste gado vinha a sofrer certas perturbações, denunciadoras da incerteza do mercado. Foi, porém, a partir do princípio de 1938 que estas oscilações, decrescentes com alarmante insistência, passaram a lesar sensivelmente os interesses da lavoura. O preço do gado adulto barrosão de primeira qualidade, cotado então a 99\$00 a arrôba de carne, foi descendo com regularidade até Outubro de 1939, em que atingiu o mínimo de 69\$00 para as reses da mesma raça e qualidade. A desvalorização foi, pois, de 30 %.

Por sua vez as vitelas barrosãs, que se pagavam a 7\$50 por quilo de carne limpa, acompanharam a descida do gado adulto até atingirem o preço de 4\$50; isto é, depreciaram-se 40 % no mesmo espaço de tempo.

Estas desvalorizações agravaram-se quanto ao gado turino de talho, de cotações sempre mais baixas; as vacas desceram a 49\$50 por arrôba de carne e as vitelas a 3\$50 por quilo.

A origem capital dessa queda de preço deve encontrar-se nas conseqüências da guerra civil em Espanha, que não só provocou a suspensão da passagem do nosso gado para o país vizinho, como certamente a fuga de algum de lá para cá. No referido período foi notável a afluência de bois galegos ao Matadouro Municipal do Pôrto, não diremos de origem espanhola, mas nacional, que as condições internas da Espanha não permitiam atravessar a fronteira por forma a descongestionar a região minhota, o distrito de Viana sobretudo.

À maior oferta, que naturalmente conduzia à baixa do preço das reses, associou-se a especulação por parte dos maiores marchantes do Pôrto, os quais, pela dupla função de talhantes, beneficiavam de larga margem de defesa para poderem orientar os negócios conforme mais conviesse aos seus interesses, nem sempre lícitos.

Por outro lado, há muito que certas perturbações na cotação do gado bovino e as dificuldades da vida agrícola vinham levando os lavradores para a exploração do gado leiteiro. Na verdade, o preço do leite parecia torná-la compensadora e as vacas constituíam fonte de maior número de funções económicas.

Mas à medida que se acentuava a desvalorização do gado de trabalho e de ceva e que o número de vacas leiteiras aumentava rapidamente nas regiões industriais de lacticínios, a produção da manteiga era atingida por uma crise de superabundância e de Fevereiro a Agosto de 1939 o leite passou a pagar-se a 0\$30 o litro. Compreende-se bem a grave emergência em que se encontraria o lavrador da região, considerando que um dos mais importantes factores do seu desafogo económico — o gado — sofria enorme crise ao lado da que atingia o vinho e outros produtos.

Era então vulgar um lavrador adquirir uma junta de novilhos e vendê-los, três ou quatro meses depois de haverem consumido importante quantidade de excelentes forragens verdes, por preço inferior ao que haviam custado.

É natural que o desânimo atingisse estes esforçados trabalhadores da terra e que eles se tivessem desinteressado da exploração bovina até ao limite da necessidade económica do aproveitamento das forragens e da produção de estrumes.

O declínio da exploração deu-se principalmente no segundo semestre de 1938 e primeiro de 1939. Foi em face de uma grande oferta e falta de amparo à lavoura, desorganizada e abandonada às mãos dos negociantes de gado, que o movimento do Matadouro Municipal do Pôrto, mercê da baixa do preço das carnes, aumentou consideravelmente em bovinos adultos e adolescentes.

Assim, tanto em 1938 como em 1939 o consumo de carne bovina aumentou no Pôrto cêrca de um milhão de quilos relativamente ao de 1937, isto é, cresceu 25 % em cada ano. O número de reses adolescentes sacrificadas alcançou mais de 50 % do normal, mas o seu pêso limpo não ultrapassou muito 30 %, o que significa claramente que as vitelas eram enviadas o mais cedo possível ao matadouro como mercadoria que nem no presente nem no futuro apresentava esperança de rendimento compensador. Em tais circunstâncias foi especialmente atingida a recria, dando disso provas o grande morticínio de vitelas nos matadouros.

Em Outubro de 1939, passado pouco mais de um mês após o deflagrar da guerra que assola a Europa, observava-se regular animação nas feiras e certa procura de bovinos de talho por parte de negociantes de Lisboa, que estabeleciam forte concorrência aos do Pôrto. Esta procura de gado gordo, já então pouco abundante,

provocou a sua subida de preço, que se foi acentuando até à intervenção da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, a qual iniciou primeiramente uma preponderante acção de defesa da lavoura e passou em seguida, perante a tendência de valorização contínua do gado vacum, a desempenhar inestimável papel em proveito dos consumidores.

Por outro lado, ao fixar o preço do leite destinado à indústria de lacticínios, êste organismo de coordenação económica restabeleceu a confiança entre os que se dedicavam à exploração de vacas leiteiras.

A demonstrar claramente o desinterêsse do lavrador pela exploração bovina, nota-se que, apenas a cotação do gado adulto experimentou o primeiro aumento, logo as melhores vitelas passaram a ser avidamente procuradas nas feiras pelos recriadores, que activaram a subida rápida do seu preço ao ponto de afastarem muitas vezes a concorrência dos marchantes.

Vejamos como os dados do presente arrolamento, decorrido mais de um ano sôbre o ponto culminante da crise da bovicultura, dão ainda uma significativa idéia dos fenómenos de então, patenteada principalmente na falta de bois de trabalho e ceva e concomitante desenvolvimento da criação.

Devemos no entanto observar que a comparação dos elementos dos dois censos pecuários nem sempre se torna fácil por falta de correspondência entre os grupos estabelecidos, segundo as idades, para esta espécie, donde resulta que nos apuramentos de 1940 se há-de esperar sempre um aumento de cabeças no segundo grupo correlativamente com o decréscimo no último, em consequência dos animais de 12 a 18 meses passarem dêste para aquêle agrupamento.

Na classe dos bovinos leiteiros regista-se um grande progresso na sua exploração, o qual afecta muito especialmente as fêmeas turinas e se traduz no considerável aumento de cêrca de 3.000 vacas daquela sub-raça, cumprindo ainda notar que êste número não inclui mais de 600 vacas turinas, inscritas nalguns concelhos, designadamente nos de Vila do Conde e de Vila Nova de Gaia, como animais de trabalho e de ceva, não obstante se haverem rectificado algumas centenas de declarações. Êste número, para efeito de comparação com o correspondente a 1934, tem ainda maior expressão por não comprênder, como dissemos, as novilhas de 12 a 18 meses.

Por sua vez a cifra respeitante a novilhas de 6 a 18 meses deve considerar-se diminuída em relação ao seu efectivo de há seis anos, como expressão do pouco interêsse pela recria até à revalorização do leite.

A confirmar o aumento do número de vacas, verifica-se o acréscimo de vitelos e vitelas, principalmente destas.

Quanto aos machos turinos, entre os quais deixaram de figurar agora os animais castrados, deu-se nêles uma transferência de bois e de novilhos para a classe dos animais de trabalho e ceva, donde a impossibilidade de estabelecer comparação. Cumpre todavia registar que muitos bois e novilhos castrados ficaram ainda a figurar como machos (sem menção do estado sexual, como no anterior recenseamento), conquanto se houvessem corrigido muitos manifestos.

No mapa em que por estimativa procurámos dividir o armentio da região

segundo as suas raças, as cifras das colunas respeitantes aos machos englobam os castrados e inteiros. Os números desse mapa, que pecam evidentemente por menos rigor, dão contudo idéia bastante aproximada da representação e distribuição dos grupos bovinos pelo distrito.

O contingente actual das vacas de trabalho e ceva, isto é, das raças indígenas, em confronto com o de 1934, parece não ter diminuído, mas não se observou de facto tal resultado em virtude da errada inscrição de cerca de 600 fêmeas turinas, já apontada.

Conquanto dê impressão de aumento, o efectivo das novilhas, considerada a falta de correspondência de idades acima apontada, deve ter diminuído também.

As vitelas das raças autóctones diminuíram igualmente como consequência da redução do número de vacas.

Quanto aos machos de trabalho e ceva, nota-se um falso aumento, facilmente desfeito ao entrarmos em conta com a diferença entre os machos das raças leiteiras no arrolamento de 1934 e no actual. Então concluiremos que, a par com uma baixa apreciável nos bois adultos e novilhos, se regista, pelo contrário, um aumento superior a 60 % no efectivo dos vitelos, mandados em menor quantidade para o matadouro, sinal do estímulo que a recriação tem tomado, fora ainda bom número deles que, provenientes do distrito de Braga, têm entrado na área desta Intendência de Pecuária.

Analisemos agora onde se verificam as principais oscilações, de que resultou o aumento de cabeças apurado.

Os concelhos com diferenças para menos são os de Gondomar, Paços de Ferreira, Pôrto, Valongo e Vila Nova de Gaia. É de notar que tanto o Pôrto, como os concelhos limítrofes, excluídos os da Maia e Matosinhos, onde a propriedade se encontra menos dividida, sofreram baixa no seu efectivo bovino.

Para a diminuição registada na área daqueles cinco municípios contribuíu principalmente o apreciável decréscimo dos bois de trabalho e ceva, o que há-de atribuir-se não só ao desgaste dos animais de talho em 1938 e 1939, como à defesa económica da pequena propriedade, que vem compelindo os lavradores a substituírem os animais de trabalho e ceva por vacas leiteiras, facto particularmente expressivo no concelho de Vila Nova de Gaia.

Nos restantes três concelhos (Gondomar, Pôrto e Valongo) da área abastecedora de leite à cidade, ao lado dessa diminuição dos machos de trabalho e ceva, os algarismos registam no entanto um pequeno decréscimo no efectivo das vacas turinas, embora nesta zona tal não seja de admitir em relação a 1934; antes se há-de procurar esta discordância na falta do manifesto de certo número de vacas leiteiras, que os seus donos não declararam.

O concelho de Paços de Ferreira, apesar de situado numa importante área industrial de lacticínios, onde o desenvolvimento da exploração leiteira foi notável, sente-se especialmente atingido por uma redução no número de animais deste grupo, particularmente novilhas e vacas turinas, em consequência do decaimento da importante recriação de novilhas, que ali se fazia, e do desalento provocado pela baixa que o preço do leite sofreu, incompatível com o custo da produção.

Nos restantes doze concelhos do distrito observa-se aumento de cabeças bovinas, resultado da diferença do acréscimo das fêmeas turinas adultas e adolescentes em relação à baixa no número de bois de trabalho e ceva.

Nas zonas de criação tradicional das raças autóctones, na da arouquesa designadamente, os efectivos mantiveram-se. Se algum aumento se nota, deve atribuir-se a erros de inscrição.

No concelho de Vila Nova de Gaia, apesar de se depreender o contrário do apuramento respectivo, o número de vacas arouquesas diminuiu.

As fêmeas bovinas barrosãs sofreram redução especialmente nos concelhos de Lousada, Maia, Matozinhos e Paredes, donde, a bem dizer, desapareceram nos três últimos.

Ovinos — O número de ovinos, comparado com o de 1934, indica que a exploração do gado lanar se desenvolveu, de uma maneira geral, em todo o distrito. O acréscimo foi de 11.238 cabeças, ou 17,7% o aumento.

Não há dúvida que nos últimos tempos se tem desenvolvido no distrito a exploração arietina.

A lavoura regional tem atravessado uma época de desequilíbrio económico acentuado, o qual se encontra em declínio com as medidas da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, quanto ao tabelamento do preço do gado bovino e do leite, e com a melhor cotação dos outros produtos da agricultura. Dessa crise resultou para o lavrador a necessidade de se socorrer ao máximo das produções próprias, não só no que respeita à alimentação, como ao vestuário. Regressou-se, de facto, um pouco aos hábitos caseiros da fiação e tecelagem, motivo por que se aumentou um tanto a cultura do linho e se desenvolveu a exploração ovina, a qual nesta região visa essencialmente a lã para usos domésticos.

Por outro lado, o maior preço das reses ovinas, adultas e adolescentes, efeito do aumento do preço do gado bovino e respectiva carne, aliado com o melhor preço fixado à lã, contribuíram de igual modo para o incremento da exploração arietina.

O aumento de cabeças observa-se especialmente nos concelhos de mais extensas acidentações, isto é, com maiores zonas bravias. Nos mais próximos do Pôrto nem por isso se nota maior interêsse pela ovcultura; o de Matozinhos acusa até redução numérica de cabeças lanares.

Entre as irregularidades observadas no manifesto dos lanígeros sobressai a confusão entre os possuidores na destriça de ovinos churros e não churros. Estas expressões, por pouco conhecidas, não foram devidamente compreendidas, além de que os bordaleiros feltrosos, por incerteza sôbre a sua correcta inscrição, tanto foram incluídos num como noutro grupo.

A maioria dos veterinários municipais prestaram a devida atenção ao facto e promoveram a correcção de numerosas declarações.

Os números do apuramento final, quanto à divisão dos ovinos em churros e não churros, não podem, pois, considerar-se de inteira segurança, particularmente nos concelhos de Amarante e Marco de Canaveses, onde o agrupamento churro predomina bastante sôbre o não churro, ao inverso do que expressam os respectivos apuramentos concelhios.

Caprinos—Nos concelhos acidentados, onde se poderia esperar um progresso na exploração caprina, verifica-se antes o declínio numérico destes animais em médias que vão de 7,5 a 16,5 %, mas não há-de deixar de registar-se o seu aumento, embora restrito, na área de quasi todos os outros municípios do distrito.

O decréscimo geral, em relação ao efectivo do arrolamento transacto, é de 4,1 %.

Os caprinos, como os asininos, constituem uma espécie decadente nesta região. Longe de nos impressionar mal, tal facto satisfaz-nos ao notarmos que nos concelhos onde o número de caprinos mais desceu, foi onde mais aumentou o dos ovinos, espécie de aptidões económicas mais úteis.

Os pequenos acréscimos do efectivo caprino observam-se principalmente na região central do distrito e explicam-se pela melhor cotação do leite de cabra para consumo directo, ao acompanhar a subida do de vaca destinado à indústria de lacticínios, muito importante nessa zona, e pelo maior preço dos cabritos.

Admitimos que o número de caprinos continue a descer na região montanhosa.

Suínos—Notável o aumento do efectivo suíno no presente arrolamento, que atinge 13,7 % em relação ao de 1934. Se porém comparamos os números actuais com os de 1925, verificamos que não igualam ainda os do recenseamento desse ano.

Devemos recordar que o arrolamento de 1934 foi precedido de uma grande epizootia de peste suína, que dizimou grande número de porcos.

Sabido como, mercê de uma grande prolificidade, os efectivos desta espécie facilmente se recompõem, é natural que bem depressa se houvessem reconstituído, até que em 1938 nova baixa se observou, esta agora de ordem económica, em consequência da crise porcina que nesse ano ocorreu. Numerosas varas de porcos alentejanos pejaram então as feiras deste distrito e fizeram baixar a arrôba da carne a 60\$00.

Como era de esperar, perdido o estímulo pela criação, recriação e ceva dos porcos, a exploração destes animais diminuiu ao ponto de não oferecer interesse comercial. A bem dizer, os lavradores criavam apenas os porcos necessários para o seu consumo próprio, tanto mais que a ceva deixara de ser rendosa pela desproporção entre o preço do milho e o da carne.

As medidas tomadas superiormente, além de sustarem a queda dos preços, promoveram mais tarde a subida deles, presentemente altos, quasi o dôbro dos de então.

Como prova de que a exploração porcina se encontrou bastante abandonada, regista-se o facto de se notar certa falta de suínos para abater, embora não deixemos de considerar o aumento de consumo da carne de porco, verificado ultimamente como consequência do aumento do preço da carne bovina e deficiente abastecimento desta.

Por outro lado observa-se um acréscimo no número de porcas de criação e de bácoros, a denunciar agora o interesse pela criação suína.

Por excepção, em três concelhos se encontra diminuído o número de porcos — Paços de Ferreira, Valongo e Vila Nova de Gaia.

No de Paços de Ferreira a suinicultura, e em geral tôda a exploração pecuária, regressou não em relação aos restantes concelhos, mas comparativamente com o progresso que no arrolamento anterior tinha manifestado. Concelho de apreciável densidade demográfica (273,1 habitantes por quilómetro quadrado) e alimentando com dificuldade a sua enorme população, procura nas pequenas indústrias caseiras a compensação do que a terra não dá. A indústria de criação de suínos, a da criação de fêmeas bovinas leiteiras e a da criação de animais de capoeira constituíam uma grande fonte de riqueza, activada pela influência da importante feira do Cô. O último ano agrícola, bastante mau, forçou ali os agricultores a reduzirem o número dêsses animais por o milho não sobrar das necessidades da alimentação humana. Desta forma a densidade dos suínos desceu de 86 cabeças por quilómetro quadrado, que acusava em 1934, para 35,7, ainda assim uma das mais elevadas do distrito.

No concelho de Valongo a baixa resulta da crise mineira ali registada.

No concelho de Vila Nova de Gaia nota-se também menor quantidade de suínos, o que não só faz crer algumas faltas de manifesto, como maior matança de animais, cujas carnes, depois de preparadas, são principalmente consumidas no Pôrto, conforme se depreende dos diminutos aumentos registados nos concelhos confinantes com esta cidade.

Cumprê acentuar que, apesar das numerosas correcções, bastantes porcos castrados foram manifestados como varrascos, pelo que o número dêstes se encontra exagerado no apuramento final.

Animais de capoeira — Em globo, o efectivo dos animais de capoeira diminuiu consideravelmente em confronto com o do manifesto de 1934.

Para êste resultado contribuíram as enormes baixas nos galináceos (género *Gallus*) e nos pombos. Os patos e coelhos experimentaram ligeiro aumento; os números respeitantes aos perus podem considerar-se equilibrados.

Analisemos um pouco estas variações e suas causas.

Galinhas — Com excepção dos concelhos de Penafiel e Póvoa de Varzim, em todos os mais se registaram reduções, muito acentuadas na área de alguns departamentos municipais.

O exame dos apuramentos revela que, em regra, foi nos concelhos com menor cunho rural e nos de propriedade mais dividida, onde se evidenciou maior decréscimo na exploração de galinhas.

Quanto aos primeiros, como noutro local referimos, é possível que grande número de animais de capoeira fôsse sonogado ao manifesto, mas não há duvidar que nos meios populacionais o número destas aves deve ter sofrido sensível diminuição, para explicar a qual basta relacioná-la com o aumento de preço da carne das espécies bovina, ovina e suína e ter em conta o recurso à da galinha para substituir a carne bovina, que escassamente a bastecia os talhos.

Por outro lado verifica-se que os meios urbanos cada vez são menos propícios à exploração dos animais de capoeira.

Nos meios rurais de pequena propriedade a deficiente produção de milho no

ano transacto, a qual, na ocasião em que escrevemos, determinou já excessivo aumento no preço dêste cereal e está criando grandes dificuldades ao abastecimento das populações consumidoras, obrigou os pequenos agricultores a desfazerem-se de algumas dessas aves, que, como dizem, *comem da arca* e cuja reserva se tem de acautelar para o sustento familiar.

Em 1940 notou-se, pois, maior oferta nos meios rurais conjugada com aumento de procura nos meios urbanos, o que até certo ponto conservou nesse ano o preço sem alteração de maior e promoveu notável consumo de carne destas aves.

Outro factor que também deve ter contribuído para o decrescimento do número de galinhas, foi o rigor da quadra fria do último ano, que provocou atraso nas incubações de Dezembro.

O concelho rural que maior redução sofreu em individuos desta espécie, foi o de Paços de Ferreira, onde a exploração avícola se fazia intensivamente, de certo estimulada pelo grande número de habitantes de determinadas freguesias, que se dedicavam ao comércio destas aves. É neste concelho que se realiza a importante feira anual de capões, a de Freamunde, onde juntamente com estas aves se transacciona grande número de perus, a sacrificar na época festiva do Natal.

Das averiguações naquele concelho sôbre a razão de tal baixa concluiu-se que a causa maior que levou a abandonar um pouco a criação de galinhas, foi a fraca produção de milho, bastante sentida naquele concelho, com grande densidade demográfica e propriedade bastante dividida. A redução no número de aves atingiu especialmente os pequenos casais, que atravessam forte crise em resultado do mau ano agrícola transacto e de outros anteriores. Desta forma a elevada densidade de 702 destas aves por quilómetro quadrado baixou no corrente ano para 358, no entanto superior à média do distrito, que é de 269.

O concelho da Póvoa de Varzim acusa aumento de galinhas, como aliás de tôdas as espécies. A prosperidade económica dêste concelho tem-se evidenciado, como já dissemos, na orla marítima, onde algumas extensões de terreno têm sido levadas à cultura da batata.

Não temos conhecimento de que graves epizootias tenham invadido os galinheiros e hajam contribuído para os desagradáveis resultados apurados, os quais não devem contudo suscitar preocupação de maior, dada a facilidade de recomposição dos efectivos avícolas e a capacidade produtora da região nas zonas rurais em anos agrícolas normais.

Patos e perus — Os números relativos a estas espécies aviárias são tão baixos e as diferenças absolutas tão pequenas, que pouca atenção merecem.

Os patos denunciaram um certo aumento.

Quanto aos perus, nota-se uma ligeira redução, para a qual contribuiu especialmente o concelho de Paços de Ferreira, onde a baixa acusa 73 % em relação a 1934 e cujo motivo foi o apontado para as galinhas.

Pombos — Estas aves acompanham muito de perto as oscilações observadas nos galináceos.

Creemos que os columbinos, mantidos em liberdade por via de regra, difficil-

mente virão a refazer os efectivos de 1934 por virtude dos prejuízos que causam nas sementeiras, em opposição à necessidade de produções unitárias cada vez maiores.

Para a baixa observada em relação ao censo pecuário transacto não só contribuiu a redução destas aves nos pombais da região, dadas as dificuldades alimentares já apontadas, como o morticínio delas quando poisam nas searas alheias.

Nos centros urbanos do Pôrto e limitrofes foi onde se notou maior quebra no número de pombos, a qual se há-de particularmente atribuir ao menor entusiasmo pela columbophilia, de que a capital do Norte é ainda importante foco.

Todavia admitimos que apreciável número de indivíduos desta espécie não fôsse manifestado nas zonas urbanas.

Coelhos—De um modo geral, a exploração cuniculina aumentou na área desta Intendência de Pecuária. Os concelhos onde se nota decréscimo em relação a 1934, são os do Pôrto e alguns vizinhos.

O recurso à carne de coelho perante o encarecimento da carne das outras espécies e mesmo a dificuldade na aquisição da carne bovina, cujo abastecimento se tornou incerto e insuficiente, foi sem dúvida a maior determinante do resultado agora apurado nestes centros de população.

Com exclusão do concelho de Paços de Ferreira, onde o número de coelhos se reduziu bastante, nos outros aumentou, contrariamente ao observado quanto a galinhas e pombos. Este facto é bem expressivo da dificuldade do pequeno lavrador, a quem não sobram alguns grãos de milho para estas aves, e da prodigalidade de alimentos verdes, que a região oferece para manutenção dos primeiros.

Havemos ainda de notar que, dado o grande consumo da carne de coelho, o efectivo da espécie no início de 1940 seria certamente bastante superior ao que o manifesto revela no final do mesmo ano.

NÓTULA SÔBRE A ECOLOGIA PECUÁRIA

Para tornar suficientemente compreensível a descrição pecuária do distrito do Pôrto, importa conhecer, bem que a traços largos, as características geofísicas e económico-agrícolas do seu território, as quais se relacionam intimamente com a exploração do gado e contribuem para a formação do seu aspecto pecuário.

A área da Intendência de Pecuária do Pôrto corresponde à do distrito do mesmo nome, o qual abrange a quasi totalidade da província do Douro Litoral.

Não se observando nesta província características que lhe imprimam feição especial, individualidade própria, e a façam distinguir de outras, o distrito do Pôrto, confinando pelo norte com a província do Minho, pelo nascente com a de Trás-os-Montes e pelo sul com concelhos do distrito de Aveiro, pode considerar-se como zona de transição entre estas regiões, apresentando o aspecto minhoto em toda a parte central e litoral ao norte do rio Douro, de transição com o Alto-Douro nos concelhos do Marco de Canaveses, Baião e Amarante e aproximando-se do tipo da Beira Litoral no concelho de Vila Nova de Gaia.

Orográficamente o distrito do Pôrto pode dividir-se em três zonas, de aspecto um pouco diferente, à medida que nos afastamos do mar para o Nascente.

A zona litoral, onde as altitudes não ultrapassam 150 metros, caracteriza-se por ubérrimas e largas veigas sulcadas pelos rios Ave e Leça até ao mar e compreende uma orla marítima bastante plana, e relativamente rica por pouco arenosa, a partir da qual se vão notando suaves ondulações que tanto mais se alteiam e aproximam entre si quanto mais se avizinha a zona central.

À fraca acidentação desta zona corresponde uma extensa área de esplêndidos terrenos aproveitados em culturas arvenses, a qual sobressai bastante à dos terrenos bravios, de bouça e pinhal.

Fazem parte da zona litoral os concelhos da Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Matosinhos, Maia, Pôrto e a maior extensão dos de Santo Tirso, Gondomar e Vila Nova de Gaia.

A zona central, já com maiores relevos e vales mais profundos, é sub-montanhosa; as elevações vão de 200 a 600 metros.

A área de cultura intensiva diminui em relação à da zona litoral ao mesmo tempo que se observam mais extensos incultos nas acidentações de terreno.

Pertencem a esta zona, além dos extremos orientais dos citados concelhos de Santo Tirso, Gondomar e de Vila Nova de Gaia, os de Valongo, Paços de Ferreira, Paredes, Lousada, Penafiel e Felgueiras.

Para o nascente do vale do Tâmega o aspecto orográfico modifica-se em transição para o do Alto Douro. O terreno, de relêvo bastante acentuado, é cortado por vales, às vezes muito apertados, onde correm linhas de água no Verão ou torrentes alterosas na época das chuvas; as encostas, nuns pontos ravinosas, permitiram noutros que o braço do Homem as convertesse em socalcos. A luta de uma densa e laboriosa população rural pela conquista da terra obrigou a êsse esforço, sempre que a rocha o não impediu, para conseguir o cultivo de leirotas de reduzido número de metros quadrados. No entanto a área de bouça ou pinhal não deixa de suplantar bastante a dos terrenos de cultivo.

Nesta zona, a que podemos chamar montanhosa e de que fazem parte os concelhos de Amarante, Marco de Canaveses e Baião, as acidentações sobem a 1.000 metros e desenvolvem-se para Leste até 1.415 metros na Serra do Marão, já no distrito de Vila-Real.

No ponto de vista geológico o distrito é essencialmente granítico. Tirante uma faixa alongada de NW. a SE. pertencente ao carbónico, de que são testemunho as minas de carvão de S. Pedro da Cova e as de ardósia de Valongo, o resto assenta em granito ou em rochas xistosas dêle derivadas por metamorfismo, de cuja constituição resultam as características fundamentais dos terrenos de cultura, de apreciável teor em potassa e pobres em cal e ácido fosfórico, o que manifestamente se repercute na natureza da flora e no desenvolvimento das plantas, portanto no metabolismo animal. Se é certo que os solos dos vales são mais equilibrados mercê do depósito de materiais arrastados das encostas e das correcções que as adubações nêles foram introduzindo, não resta dúvida que os terrenos de mato, mais ou menos acidentados, que correspondem a cêrca de 50 % da área total, man-

têm o desequilíbrio apontado. Se outros factores não houvesse, este explicaria porque atingem maior corpulência os bovinos criados nas zonas de altitude e recriados na zona litoral.

Observemos as características meteorológicas, merecedoras de especial atenção pela índole que imprimem à exploração pecuária através da feição por elas imposta à agricultura.

A disposição orográfica descrita, de crescente altitude à proporção que se afasta do mar, influi decididamente no condicionamento climatérico da região, particularmente no tocante aos dois principais elementos meteorológicos — temperatura e umidade. Os ventos mareiros, bastante freqüentes e mesmo dominantes em certas épocas do ano, tépidos e úmidos, despojam-se da maior parte do vapor de água que arrastam consigo, o qual sofre a condensação à medida que atravessam zonas de maior altitude e mais frias, e converte-se em chuva antes dessas correntes aéreas transporem a região montanhosa aberta à influência atlântica.

Com efeito, é bem sensível o influxo exercido na quantidade e distribuição pluvial pela barreira montanhosa formada a Leste pelas serras do Gerez (1.561 m.), Cabreira (1.256 m.), Alturas (1.279 m.), Alvão (1.329 m.) e Marão (1.415 m.); ao passo que no território português ao norte do rio Douro o cubo udométrico atinge 2.000 mm. nos três distritos litorais (região do Noroeste), mesmo 2.500 mm. e mais nas serras da Peneda e do Gerez, na parte oposta daquela barreira (região do Nordeste) a pluviosidade tem valores tanto ou quanto mais baixos, por vezes até inferiores a 500 mm., como acontece, por exemplo, nalguns pontos do Alto Douro.

São, pois, esta disposição orográfica e a proximidade oceânica que determinam as favoráveis condições que tanto beneficiam a agricultura da região, permitindo uma exploração intensiva da terra, condições manifestadas por

- temperaturas não excessivas (na Serra do Pilar a média das mínimas é de 8°,8 e a média das máximas de 19°,6, isto é, amplitude anual de 10°,6);
- elevada pluviosidade, por vezes abundante na época estival em discordância com o tipo de clima mediterrânico duma parte do nosso País (na Serra do Pilar a média é de 181 dias de chuva por ano, valor máximo no País);
- geadas pouco intensas;
- raras nevasdas (0,4 dias por ano na Serra do Pilar), ainda mesmo nos concelhos mais acidentados;
- elevado índice de umidade relativa (média de 77,7 % no Pôrto);
- fraco grau de evaporação (1.044,1 mm. por ano na Serra do Pilar).

Com tal clima, a região encontra-se possuída de condições hidrometeorológicas para permitirem a sua boa aptidão vegetativa e cultural, mormente na Primavera e Verão; mas o Homem activou mais essas condições desentranhando da terra a água que compensa a que a natureza nem sempre lhe dá. Solo permeável, em parte à custa da penetração que nêle produzem as raízes da intensa vegetação arbórea que o reveste, assente em sub-solo rochoso e pouco profundo, as águas da chuva infiltram-se facilmente e armazenam-se para brotarem em numerosas fontes ou nascentes, soltarem-se de represas de minas ou tirarem-se de poços, estes abundantes principalmente na orla litoral, onde os fracos desniveis não deixam com freqüência

irromper a camada freática. Por sua vez as águas dos ribeiros são a todo o momento derivadas para terrenos de cultura por meio de rústicas obras hidráulicas.

O aproveitamento das águas constitui, depois da conquista da terra, o segundo baluarte por que o lavrador da região incansavelmente luta.

Podem mesmo sintetizar-se em quatro elementos as necessidades mais imperiosas do lavrador: *um campinho, uma pôça, uma bouça e o gado*, isto é, a terra, a água, o mato para estrume e o gado bovino.

Veremos mais adiante o motivo por que o *gado* representa parte tão importante no condicionamento económico da exploração agrícola como o mato ou as águas.

Uma outra das mais importantes características da região é a sua elevada densidade demográfica, que poderosamente influi na exploração da terra.

O recenseamento da população de 1930 atribui ao distrito do Pôrto uma densidade de 353,1 habitantes por quilómetro quadrado, densidade que desce para 258 se deixarmos de considerar a cidade do Pôrto, que acusava a de 5.778,1.

Por dados officiosamente fornecidos, sem carácter definitivo, a densidade em Dezembro de 1940 teria subido para 319 habitantes por quilómetro quadrado, excluindo o Pôrto, isto é, aumentou cêrca de 25 % em 10 anos ou 2,5 % por ano.

As exigências de tão densa população, mesmo em meios estritamente rurais, têm determinado a divisão excessiva da propriedade e a luta pelo cultivo de qualquer parcela de terreno, que muitas vezes pareceria insusceptível de exploração económica. Mesmo em encosta íngreme, o chão, logo que a rocha deixa de aflorar em alguns pontos, é imediatamente aproveitado depois de trabalhosamente disposto em socalcos e de, em regra, lhe ser assegurada a irrigação.

Os baldios ou logradouros comuns, por sucessivas arrematações em hasta pública ou divisão pelos utentes legais, têm desaparecido bastante. As poucas centenas de hectares existentes são, em grande parte, incultiváveis.

Compreende-se como a densidade apontada é difficilmente comportável em meio agrícola. É ela que tem conduzido grande número de possuidores de terra a dedicarem-se cumulativamente a outras profissões e as mulheres ao trabalho nas fábricas. Mesmo nos meios essencialmente rurais temos de admitir que, em anos de má produção, nem sempre a terra consegue produzir o necessário à alimentação das famílias numerosas dos mais pequenos lavradores.

Dividido como se encontra o solo, nesta região não há grandes prédios rústicos. Por sua vez a maioria dos médios proprietários não explora directamente as terras; divididas em parcelas, são entregues à exploração de *lavradores-caseiros* mediante uma renda anual em milho e feijão.

Desta forma, se a estas modestas explorações juntarmos as da pequena propriedade, obteremos o aspecto minifundiário agrícola, falho de capacidade económica.

A pequena exploração, que certamente ocupa mais de 75 % dos casos, é feita sob o tipo familiar por falta de rendimento; a mulher e os filhos, logo que a idade destes o permite, auxiliam o chefe da família, que poucas vezes toma por sua conta um moço de lavoura ou chama jornaleiros para o auxiliarem nalgum serviço de urgência.

A exploração da terra, por exigência económica, é orientada segundo a melhor

associação cultural no sentido de garantir ao mesmo tempo a alimentação humana e pecuária.

Ao lado dos produtos para sustento da família toma maior relêvo a produção de ervagens para sustento dos gados. O carácter da exploração agrícola é, pois, eminentemente agro-pecuário.

Notemos superficialmente como se faz essa exploração e o partido que dela tira o *gado* (o da espécie bovina), que na casa agrícola representa papel económico relevante. De tal forma a capacidade produtora de uma exploração se encontra ligada às cabeças de gado *vacum* que mantém, que é hábito calcular a importância de uma casa agrícola pelo número de cabeças que possui.

Cada hectare de terreno de cultivo sustenta, conforme a qualidade da terra, uma ou duas cabeças bovinas adultas.

Em regra as explorações agrícolas compõem-se de leiras de terra de primeira ou de segunda qualidade, situadas nos vales ou a meia encosta e utilizadas em cultura intensiva, e de extensão aproximadamente igual de terreno de terceira qualidade em encosta, onde foi semeado tojo arnal ou molar destinado à produção de mato para estrume e ser concomitantemente aproveitado pelo gado. Estes terrenos, denominados *bouças*, encontram-se também quasi sempre povoados de pinhal.

A parte cultivável possui, em regra, uma faixa limada de Inverno e regada no Verão; são os feracíssimos terrenos de *lima e rega*. A restante superfície, pela captação de águas e abertura de poços, poderá também ser regada no Verão; as águas, antes de *sôltas* para os campos, são reprezadas em *toscós* tanques ou *pôças*.

A limagem, de grande influência no desenvolvimento dos prados durante as quadras frias, consiste na rega contínua, em toalha, pelo conveniente desvio e aproveitamento das águas de pequenos ribeiros ou de bons mananciais. A sua aplicação assume tanto maior possibilidade e importância quanto os terrenos se encontram em zonas acidentadas, onde a abundância das águas se alia a necessidade de evitar os efeitos perniciosos das geadas.

O regime cultural está sujeito, a bem dizer, às seguintes rotações tradicionais:

Nos terrenos de lima e rega — milho consociado com feijão; prado de erva molar em mistura com língua de ovelha e também por vezes trevo encarnado.

Nos terrenos baixos não limados — milho; centeio para grão ou então ferrã de centeio, de erva castelhana, de azevém misturado ou não com serradela, quando não ficam de *pousio* para produção de pastagem natural.

É nota dominante a sementeira do milho em tôdas as fôlhas da terra.

A cultura da batata tem tomado também grande incremento, principalmente na beira-mar.

Vejamos o regime alimentar dos bovinos (a espécie pecuária que mais interessa à região) resultante do sistema de exploração da terra.

Os terrenos de lima são semeados de prado em Agosto ou Setembro, na segunda sacha ou arrenda do milho, empregando-se semente de erva molar e de língua de ovelha em consociação. Este prado pode começar a dar cortes em Novembro ou Dezembro, conforme a distribuição das chuvas e a amenidade da tem-

peratura, os quais se contam por cinco ou seis até Maio, em que se procede ao levantar do prado para seguidamente estrumar a terra e semear o milho de regadio, o qual, ao ser desbastado, fornece boa massa forraginosa a que se segue nova porção com o desbandeiramento.

Na segunda sacha repete-se a rotação, procedendo-se à sementeira do prado.

Nos terrenos de sequeiro a sementeira da ferrã de centeio ou de outras espécies, ou a de centeio para grão, faz-se nas primeiras águas do Outono e as operações repetem-se como nos terrenos de lima. A sementeira do milho antecipa-se nestes terrenos, pelo que os prados se levantam mais cedo, em Abril.

Por esta sùmula se observa que a exploração da terra é intensiva e permanente, não chegando por vezes a ficar vaga 24 horas entre o levantamento dos prados e a sementeira do milho.

Para manter a terra com altas produções unitárias e em exploração contínua torna-se indispensável grande quantidade de estrume, que o lavrador procura obter à custa de um número de cabeças de gado bovino, que só muito raramente não atinge a saturação em relação à capacidade forrageira da propriedade.

É nos próprios estábulos, denominados *aidos*, que se produz o estrume por acumulação de sucessivas camadas de mato e sua mistura com as fezes dos animais.

Estas nitreiras, produzindo estrume geralmente de desigual qualidade e constituindo um meio insalubre para os animais, são, por via de regra, descarregadas do apreciável volume da sua massa duas vezes por ano — uma na Primavera por altura da sementeira do milho, outra por ocasião das culturas outonais.

Ao tratarmos da estabulação dos bovinos, descreveremos melhor estes alojamentos, absolutamente condenáveis no ponto de vista da higiene pecuária, mas contra a extinção dos quais se tem erguido a necessidade premente dos adubos orgânicos e a incapacidade económica dos pequenos proprietários para a construção de nitreiras.

A sucessão das rotações, irracional mas donde o lavrador parece tirar o máximo rendimento agrário, determina anualmente com regularidade a repetição dos mesmos fenómenos que conduzem alternativamente à carência e superabundância de alimentos para os gados, conforme vamos ver.

Consoante a pluviosidade do Outono e o rigor do Inverno, assim os prados de gramíneas (não consideramos as leguminosas, cuja vegetação é mais precária nos meses frios) se desenvolvem melhor ou pior e fornecem maior ou menor número de cortes. O certo é que só a partir de Fevereiro estes prados passam a satisfazer completamente as necessidades alimentares dos bovinos, os quais, até então quasi sempre estabulados, recebem alimentação sêca de palha de milho em mistura com forragem verde, para obter a qual se tem de cortar erva ainda bastante curta, por vezes sem mais de uma mão de travessa de altura.

À medida que a temperatura aumenta e se desenvolve a produção pradosa, a alimentação sêca vai diminuindo até desaparecer em Fevereiro.

Os meses de Março e Abril fornecem grande abundância de forragem verde, que os animais consomem no estábulo ou no campo.

Em Abril passam a semear-se de milho as terras de sequeiro. Em Maio são levantados os últimos prados, os dos terrenos de lima, donde se retiram avultadas massas de forragem que os animais manifestamente não podem consumir e da qual

se perde enorme quantidade, principalmente quando a distribuição se faz a um canto do aido por ausência de mangedoura. Admitimos que seja então desperdiçada cêrca de 50 % da forragem verde, o que não parece preocupar grandemente o lavrador, por ver aumentada a massa de estrume, de que tanto carece.

Nas médias explorações nem sempre se observa tamanho desperdício de forragem verde; como os campos andam divididos em várias fôlhas, e embora tôdas venham por fim a sêr semeadas de milho, houve cuidado de graduar convenientemente o levantamento dos prados e a sementeira dêste cereal, por forma que o último corte da forragem corresponda à possibilidade de obter já certa quantidade de milho das *mondas* nas primeiras leiras semeadas.

A fenação pouco se pratica; apenas se executa em pequena escala na orla marítima e na região montanhosa. Fora isso, o que vulgarmente se denomina *feno* é a palha das espécies botânicas que se deixam percorrer tôdas as fases vegetativas para colher a semente com que hão-de estabelecer-se os novos prados do ciclo cultural a seguir.

Semeado o milho, o regime alimentar modifica-se sofrendo o gado uma crise de subalimentação, que, se não é grave, se repercute sempre desfavoravelmente na produção dos animais, particularmente na das fêmeas leiteiras. De um regime verde superabundante passam em breve prazo, mormente nas pequenas explorações, a uma deficiência nutritiva em regime alimentar meio sêco. Os animais deixam de estar estabulados permanentemente para procurarem por si a alimentação no mato das bouças, aproveitando as ervas espontâneas que crescem entre o tojo, bem como alguns rebentos dêste, em regra o da espécie molar, menos acerado, já para êsse efeito semeado; fornecem também algum alimento as plantas herbáceas que vegetam sob as latadas.

No estábulo, além de alguma erva apanhada à mão, é-lhes oferecido *feno* (palha) de erva molar, de erva castelhana ou de azevém, de que se retirou a semente para os futuros prados. Os animais sofrem esta transição até que o milho se encontre em condições de fornecer quantiosa forragem verde das suas *mondas* (desbastes), já para isso semeado mais denso. Seguidamente ao desbaste do milho surgem as bandeiras, que constituem o último recurso verde do Verão.

Após o corte do milheiral, os animais voltam a sofrer nova crise alimentar, mas esta de bem maiores proporções do que a registada por altura da sementeira dêste cereal, capaz de prover ao mesmo tempo à alimentação do Homem e do gado.

Os animais entram então em regime quási exclusivamente sêco, constituído por palha de milho e de centeio, até que em Novembro ou Dezembro, mais seguramente neste mês, os lameiros fornecem algum penso das ervas semeadas na arrenda do milho. No entanto, como vimos, só em Fevereiro êstes prados dão produção quantiosa para assegurar só por si a alimentação do gado.

Nos anos de Outono pouco chuvoso e Inverno rigoroso, como no transacto, os prados de inverno não acusam franco desenvolvimento, muito embora a água de lima atenua os inconvenientes das geadas; os animais sofrem então penúria, privados de forragem verde que acompanhe fartamente a palha de milho, em breve esgotada, pelo que o lavrador se desfaz forçadamente de uma ou mais cabeças de gado ou o deixa emagrecer até que as forragens da Primavera o venham recompor.

Eis sucintamente a maneira como se harmoniza a alimentação pecuária com a exploração agrícola intensiva e o papel preponderante do gado na produtividade da terra.

ESPÉCIES PECUÁRIAS

Passaremos em revista as espécies pecuárias segundo a ordem da importância de cada uma na economia deste distrito.

BOVINOS

A bovicultura toma tal vulto no distrito do Pôrto, que bem se poderá dizer que ela representa o único objectivo da exploração pecuária, aquêle pelo qual o lavrador da região verdadeiramente mais se interessa.

Constitui, como já vimos, um dos primordiais elementos do arranjo económico das explorações agrícolas, que neste meio tomam, como não é fácil exceder, um carácter essencialmente agro-pecuário. Sem a participação dos bovinos no trabalho da terra, na fertilização dela e na transformação e aproveitamento económico dos seus produtos, todo o território do Minho ao Vouga veria o seu rendimento tão reduzido como se lhe não abundasse a água.

Não admira, pois, que em região de propriedade tão dividida, a bem dizer pulverizada, a exploração bovina atinja tamanha importância, incomparavelmente muito maior que a de qualquer das outras espécies pecuárias, collocando-se mesmo em plano superior ao de tôdas elas juntas.

Segundo o recenseamento de 1934, a área desta Intendência de Pecuária acusava então a mais elevada densidade bovina do continente português (43,7 cabeças por quilómetro quadrado), expoente que subiu para 44,8 no presente arrolamento. Este facto contribuiu para que ao distrito do Pôrto pertencesse também a maior densidade pecuária no território continental em cabeças normais.

Ao lado desta importante densidade de gado vacum é interessante notar que, para se encontrarem representadas no distrito do Pôrto tôdas as nossas raças bovinas, só falta figurarem nêle a transtagana e a brava do Ribatejo.

Por ordem decrescente de interesse para esta região, encontram-se nela os seguintes grupos:

- Sub-raça turina
- Raça barrosã
- Raça arouquesa
- Raça maronesa
- Raça mirandesa (gado marinhão)
- Raça galega

No adjunto quadro procuramos, servindo-nos dos melhores elementos de informação, estabelecer o número de cabeças com que cada grupo contribui para a formação dos efectivos concelhios.

Efectivo bovino segundo as raças

(Por estimativa)

CONCELHOS	Total geral		Sub-raça turina			Raça barrasa			Raça arouquesa			Raça maronesa e gado chaveiro		Gado marinhão	Raça galega	
	Total	Bois	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total	Bois	Bois
			Total	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total	Bois
Amarante	8 454		578	1 088	1 666	510	150	660	1 700	2 318	4 018	1 950	160	2 110		
Baião	4 569		50	397	447	3 489	1 175	464	936	2 856	3 792	330		330	200	
Felgueiras	6 729		828	1 237	2 065	2 796	442	3 238	100		100				200	
Gondomar	5 852		688	1 626	2 314	2 092	277	2 369	200		200				300	
Lousada	4 766		1 019	1 378	2 397	1 212	310	1 522	1 813	1 141	2 954	1 250		1 250	250	
Maia	4 890		335	2 532	2 868	210	144	354	1 813	1 141	2 954	1 250		1 250	250	
Marco de Canaveses	7 495		1 437	1 500	2 937	810	75	885	150		150				250	
Matozinhos	5 192		532	3 375	3 907	981	479	1 460								
Paços de Ferreira	3 365		131	1 774	1 905	2 501	204	2 705								
Paredes	6 676		1 042	2 929	3 971	3 126	1 703	4 829								
Penafiel	9 607		2 431	2 347	4 778	409	164	573	200		200				250	
Pórtó	2 367		136	1 208	1 344	925	1 446	2 371							250	100
Póvoa de Varzim	4 091		113	1 507	1 620	2 819	1 856	4 675								
Santo Tirso	7 526		526	2 325	2 851	1 818	145	1 463							300	150
Valongo	2 554		265	826	1 091	1 772	1 906	3 678	2 011	904	2 915				1 050	
Vila do Conde	8 292		472	3 692	4 164											
Vila Nova de Gaia	9 752		1 506	4 281	5 787											
Totais	102 177		12 090	34 022	46 112	24 970	10 476	35 446	7 110	7 219	14 329	3 530	160	3 690	2 350	250

Criação e recriação— A criação é iniciada com novilhas muito novas, de 12 meses de idade e menos ainda.

Para êsse efeito existem actualmante na área desta Intendência de Pecuária 95 postos de cobrição em funcionamento, servidos por touros turinos, barroões e arouqueses.

Conquanto êstes postos hajam melhorado consideravelmente em instalações e categoria dos animais de que estão providos, depois do seu funcionamento ter sido regulamentado e condicionado a licença prévia, certo é que, de uma maneira geral, êles ainda não satisfazem verdadeiramente às exigências a que devem obedecer estabelecimentos de tamanha importância no fomento pecuário, muito embora alguns já figurem certos animais de boa estirpe, alguns mesmo de genealogia conhecida pertencentes ao Estado.

Uma das maiores dificuldades com que lutam os donos dos postos de cobrição, reside em substituir os touros incapacitados por outros de boa ascendência e acentuadas características étnicas, os quais não são fáceis de encontrar.

Tentando remediar, ou pelo menos atenuar, tal óbice, esta Intendência de Pecuária tem estabelecido postos mistos de cobrição na zona do gado arouquês, servidos por alguns touros premiados em concursos pecuários, e vem instalando outros na zona abastecedora de leite à cidade do Pôrto, providos de touros holandeses de distinta genealogia.

A amamentação faz-se durante dois a quatro meses, efectuando-se o desmame natural nas raças autóctones. Tanto as crias das vacas destas raças, cujo leite das mães é utilizado no consumo directo ou transformado pela indústria de laticínios, como as das turinas, são amamentadas apenas de dia; feita a mungidura da manhã, os filhos passam a estar com as mães umas quantas horas, por vezes até tarde, conforme a idade e o interesse no seu futuro aproveitamento e desenvolvimento.

Com a redução das horas diárias em companhia da mãe e a maior diligência na procura de alimentos, vai-se operando gradualmente o desmame, que só excepcionalmente ultrapassa o quarto mês.

A castração efectua-se por volta dos 8 aos 10 meses.

Os vitelos e vitelas não destinados ao talho ou ficam a recriar na própria exploração, para substituírem os machos ou fêmeas adultas, ou são vendidos; entram então na posse de lavradores que se dedicam à recriação, ou são adquiridos por bezerreiros que os conduzem às feiras das zonas onde mais largamente se procede à exploração dos bovinos nesta fase do seu desenvolvimento.

Freqüentemente os animais, antes de atingirem o estado adulto, passam por várias mãos, os machos especialmente. Assim, um novilho, que está, por exemplo, até aos 14-16 meses nas mãos de um dono que o emparelhou e habituou à canga, transita para as de outro que o mete ao trabalho, leve e moderado, das suas pequenas terras; mais tarde, já quasi adulto, entra a propriedade de pessoas que precisam de animais mais robustos para serviços pesados de carretos ou de lavras, fase em que, junto com o companheiro de canga, pode ainda mudar de possuidor uma ou mais vezes até ambos serem engordados nas boas casas agrícolas onde a ceva é ainda operação tradicional, se antes não tomaram já ao punho do magarefe.

Funções económicas — Consideramos aqui a galactopoeise, a dinamopoeise e a creatopoeise.

Galactopoeise — Faremos referência a esta vocação quando tratarmos das várias raças exploradas na região.

Dinamopoeise — Como na restante parte do País, em que as condições económicas não consentem exploração de raças exclusivamente de ceva, os bovinos são utilizados em trabalho, muito especialmente os das raças autóctones.

Quanto ao número de animais empregados neste serviço, os grupos étnicos dispõem-se assim por ordem decrescente: barrosão, arouquês, turino, maronês, mirandês e galego.

Conforme dissemos, os novilhos são adestrados à canga ainda bastante novos, com cêrca de 12 meses, depois do que entram a prestar trabalho leve e moderado.

Em tôda a zona litoral e central a atrelagem faz-se pelo jugo ligado às hastes, de maneira que os esforços de tracção se executam ao mesmo tempo com a cabeça e com a cernelha.

O jugo é aqui o característico do Minho, alto espaldar artisticamente rendilhado, de madeira densa e base relativamente estreita, o que muitas vezes, sobretudo nas épocas de labor mais intenso, provoca hematomas ou volumosos fleimões no bordo superior do pescoço, aos quais o vulgo chama *jogueira*. Aos jugos mais baixos, também artísticos, mais usados em serviços de lavoura, chamam cangas.

Na zona montanhosa o gado arouquês e o maronês são atrelados à cabeça por meio de molhelha idêntica à usada na região trasmontana, sistema que permite maior segurança na tracção dos carros por caminhos bastante íngremes.

Tôdas as raças e ambos os sexos prestam trabalho, incluindo as vacas turinas na orla marítima ao norte do Douro e, num que outro caso, em pequenas explorações da zona central. Contudo as fêmeas são geralmente empregadas nos serviços mais leves e entram nesta função mais tarde que os bois.

Creatopoeise — Possui esta região características muito adequadas à ceva do gado bovino.

Era pela barra do Douro que no século passado se fazia grande exportação de bovinos gordos para Inglaterra, pagando-se então por uma libra cada arrôba de carne.

Esta fonte de benefício perdeu-se com o grassar da febre aftosa.

Até então as maiores casas de lavoura mantinham em engorda algumas juntas de bois, conservadas à manjadoura mais de um ano e que atingiam o estado de ceva excessiva que muitas juntas apresentam ainda nas grandes matanças da Páscoa.

Só as grandes casas agrícolas possuíam propriedades com suficiente capacidade forrageira para cevar animais destinados a exportação, o que para essas casas constituía alto título de distinção a ponto de ainda hoje, para exaltar a opulência de um propretário dessa época, se ouvir dizer que *até mandava bois para o barco*.

Esta engorda intensiva, exagerada e até anti-económica, noutro tempo tão largamente praticada e que vai rareando cada vez mais, é ainda tanto ou quanto corrente nos concelhos da Maia, Matozinhos e Vila do Conde, nos quais a propriedade se conserva maior, mas só nas casas em que essa honrosa tradição se não extinguiu totalmente.

Contudo, embora não levada ao exagêro de outrora, em todo o distrito, e antes de irem para o talho, os bovinos são, por via de regra, submetidos a uma certa engorda, para conseguir a qual basta muitas vezes suspender o trabalho e distribuir abundante penso verde. Na Primavera, época de quantiosa produção prateense, é mesmo corrente encontrarem-se a trabalhar animais em excelente estado de carnes, aptos a entrarem no matadouro.

A idade mais freqüente da occisão dos bois é dos 6 aos 7 anos. As vacas, com excepção das turinas, que aliás pouco afluem aos matadouros do distrito, avançam mais, dos 7 aos 9 anos.

Alimentação — Ao tratar do meio pecuário referimos a alimentação habitual do gado bovino e o seu regime nas várias quadras do ano.

A alimentação das vacas leiteiras, embora não mude grandemente em relação à dos outros bovinos, é não só por via de regra mais abundante, dadas as exigências próprias dêsses animais, como ainda mais variada nalgumas explorações, onde em épocas de crise alimentar recebem uma ração suplementar de farelo ou de farinha de milho em beberagem.

Os bois, quando em engorda intensiva, conservam-se permanentemente estabeulados por longos períodos, durante os quais têm farta alimentação, constituída de forragem verde, simples ou misturada com alguma palha de milho ou de azevém quando o verde não abunda, fora apreciável quantidade de farinha de milho.

Alojamentos — Os estábulos dos bovinos, os aidos, servem ao mesmo tempo de alojamento e de nitreira, que o lavrador considera indispensável para preparar as grandes massas de estrume, de que tanto carece.

Como regra geral, os aidos, que se resumem a quatro paredes de perpianho ou pedra mal ligada e sem rebôco algum, desprovidos em absoluto de iluminação e de quaisquer dispositivos para arejamento, são cobertos de telha vã ou têm por tecto o soalho dos compartimentos superiores, se acaso estão localizados nos baixos das habitações; o pavimento, de terra, está em plano bastante abaixo ao da soleira da porta para deixar simultâneamente preparar e armazenar a maior quantidade possível de estrume.

A limpeza das camas é feita por sobreposição de nova camada de mato, o que chamam *lastrar o aido*. Dêste modo faz-se cama nova ao gado sôbre a suja.

Na grande maioria dos aidos falta a mangedoura como consequência do segundo fim a que os destinam. Na verdade, formando-se o estrume à custa de sucessivas camadas de mato que se vão impregnando pelos dejectos líquidos e pastosos, impregnação facilitada pela divisão do mato sob os pés dos animais, mantidos para isso soltos, a altura da cama vai aumentando cada vez mais a ponto de, quando o tecto não é bastante alto, as reses barrosãs o tocarem com a ponta dos chifres.

Dêste modo impossível seria utilizar uma mangedoura fixa, que em breve se encontraria à altura ou abaixo dos pés dos animais.

Os alimentos são por isso distribuídos a um canto do aido, muitas vezes naquilo a que chamam *mangedoura de estrume*, amontoado de mato mais ou menos curtido e disposto a um canto para evitar que o animal espezinhe a forragem.

Nas melhores casas agrícolas encontram-se aidos dêste género, mas com mangedouras de madeira móveis e individuais, que podem subir à altura conveniente. Nestes estábulos, por cima das mangedouras, existem muitas vezes postigos em comunicação com o exterior, por onde são distribuídos, de forma prática, os alimentos aos animais. É nestes alojamentos que, em regra, se cevam os bois.

Os aidos albergam geralmente dois bovinos, quando constituem junta ou cingel; no caso de vacas leiteiras ou de animais que não trabalham associados, êstes estábulos alojam apenas um individuo. Tal a razão por que cada casa agrícola possui uma série de cortes para habitação de todos os bovinos.

Mercados — À parte as compras de gado de talho em casa dos lavradores, feitas por marchantes ou seus empregados e mais amiudadas nas épocas de escassez de gado bovino em conveniente estado de nutrição, e para as entregas que a lavoura vai fazendo às Comissões de Abastecimento de Carnes, as transacções efectuam-se nas feiras, periódicas ou anuais, freqüentes neste distrito. Excluído o Pôrto e o concelho da Póvoa de Varzim, em todos os mais se realizam feiras semanais ou quinzenais, menos vezes mensais, de gado bovino.

As mais importantes são as do Cavalinho, no concelho de Amarante; a de Campelo, no de Baião; a do Marco de Canaveses; a do Cô, no concelho de Paços de Ferreira; a de Cete, no de Paredes; a de Penafiel; a de Vila do Conde e a dos Carvalhos, esta no concelho de Vila Nova de Gaia.

Na área desta Intendência de Pecuária realizam-se 14 feiras semanais, 20 quinzenais, 3 mensais e 28 grandes feiras anuais; ao todo 1.272 mercados de gado no ano.

A deslocação do gado bovino para distâncias superiores às da pequena área de influência directa da feira faz-se a pé, exceptuada a de algumas reses adultas excessivamente gordas, a das vacas turinas e vitelas, tôdas transportadas de camioneta.

Os bois enviados ao matadouro e os adolescentes já desenvolvidos destinados à recria fazem o trajecto a pé acompanhados por condutores ou *tangedores*.

SUB-RAÇA TURINA

Resultante da adaptação da raça holandesa e, mais ou menos, de múltiplos e variados cruzamentos com outras raças leiteiras importadas, o gado turino, explorado primeiramente no termo de Lisboa, atingiu mais tarde o do Pôrto, cuja cidade e vilas vizinhas passou a abastecer de leite, expandindo-se seguidamente pelos restantes concelhos do distrito mercê das favoráveis condições forraginosas da região e da mais desenvolvida aptidão lactígena das vacas desta sub-raça sobre as barrosãs, que destronaram como produtoras de leite para consumo directo e fabrico de manteiga.

O desenvolvimento da indústria fabril da manteiga constituiu causa e efeito da expansão do gado turino fora da zona abastecedora do Pôrto. A sua influência foi tão intensa, que nenhum dos concelhos do distrito a deixou de sentir, mesmo o de Baião, onde se não encontra qualquer posto de desnatação.

A expansão da sub-raça turina deve ter tido o seu maior estímulo a partir da grave crise económica que o Mundo experimentou depois da primeira grande guerra (1914-1918). Dessa crise conseguiram florescer algumas indústrias, entre elas a dos produtos derivados do leite, que veio limitar seguidamente as importações e defendeu até certo ponto a economia agrícola regional.

O nosso País mantinha-se deficitário em lacticínios, conseguindo o leite fácil colocação na indústria; esta, mais bem organizada que a lavoura, procurava avidamente a matéria prima, para obterem a qual os industriais, muitos deles novos, estabeleceram entre si renhida concorrência na conquista de fornecedores.

Os maiores fabricantes procuravam montar postos de desnatação onde quer que existiam núcleos de vacas turinas, contando-se por vezes dois e três destes pequenos estabelecimentos num mesmo local. Alguns industriais lutavam fortemente entre si, oferecendo pelo leite preços que comprometiam gravemente a própria indústria.

Não surpreende que dêste modo se desenvolvesse o interesse dos lavradores pelas vacas turinas, que adoptaram em substituição de algumas cabeças do gado indígena, facto notado até fins de 1938, em que se passou a sentir uma grande baixa no preço do leite em face das grandes reservas de manteiga por falta de colocação, ao que não foi estranha a influência da manteiga insulana.

Para demonstrar a desvalorização do produto da ordenha na zona central do distrito, onde a fabricação de manteiga atinge maior importância, referiremos o facto do leite ter sido pago a 0\$30 o litro desde Fevereiro a Agosto de 1939, ficando, em regra, o lavrador com direito a receber metade do leite desnatado. Mesmo assim, se valorizarmos êste em \$15 o litro para alimentação dos porcos, o leite inteiro foi pago ao lavrador no período mencionado a \$37,5 cada litro, o que da mesma forma não deixava de constituir um preço ruinoso para a exploração bovina leiteira, por mais elevada que fôsse a produção das vacas, por mais económico e racional que fôsse o seu arraçoamento e menores os encargos do lavrador com a hygiene a dispensar aos animais e ao seu alojamento.

Não desejamos entrar em considerações sobre o recurso à fraude, de que então lançaram mão muitos lavradores, nem mencionaremos a quantos litros subiu a quantidade do leite preciso para um quilo de manteiga no propósito de nos não afastarmos do assunto essencial.

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários, ao tabelar o leite a um preço que não pode talvez considerar-se ainda suficiente, mas que tinha a vantagem de ser fixo, prestou à exploração leiteira um grande benefício e incutiu uma salutar confiança nos que a ela se dedicam.

Compreende-se que a expansão da sub-raça turina, dada a sua vocação galactófora, se faça por intermédio das fêmeas.

Esta expansão tem sido tão pronunciada na área desta Intendência de Pecuária, que hoje apenas se encontra desprovida de gado turino a parte mais aci-

dentada do concelho de Amarante e quasi todo o de Baião, onde a indústria de lacticínios se não chegou a instalar; a influência do reduzido efectivo de fêmeas leiteiras neste concelho perde-se no meio da importante massa de gado arouquês.

Contudo nem só as vacas ocupam posição de relêvo como representantes da sub-raça turina e nem só elas têm contribuído para expulsar das suas zonas tradicionais as raças autóctones, a mais intensamente atingida das quais foi a barrosã. Se bem que a recriação de novilhos turinos começasse bastante mais tarde que a das novilhas, a exploração dos bois turinos encontra-se hoje bastante desenvolvida e pode admitir-se que, entre os 35.000 bois de trabalho manifestados, 7.500 pertençam àquela sub-raça.

Criação e recriação — Exceptuados oito postos de cobrição, todos os mais da área do distrito do Pôrto são servidos por reprodutores turinos no total de 90 animais, entre os quais um ou outro de pura raça holandesa e alguns produtos do refrescamento de sangue com esta raça. No intuito de obter uma fonte de reprodutores de categoria superior à média dos actualmente existentes, esta Intendência de Pecuária solicitou e obteve dois novilhos holandeses de boa genealogia, procedentes da Estação Zootécnica Nacional, com os quais espera conseguir bons produtos das melhores vacas holandesas-turinas da região.

Para mais assegurar o resultado, alimentamos a esperança de que em breve se inicie o contraste leiteiro, por meio do qual se virão a reconhecer objectivamente as fêmeas de que mais convenha reservar a descendência com vista a firmar o seu potencial galactóforo.

Todos os turinos existentes na área desta Intendência de Pecuária são nela criados e recriados.

A criação dêste gado toma o aspecto que apontámos para os bovinos em geral. Apenas se há-de observar que no concelho de Baião e na zona mais acidentada do concelho de Amarante as crias são vendidas com dois ou três meses, geralmente com destino ao matadouro, passando as vacas, em sua substituição, a amamentar vitelos provenientes da região de Arouca. De facto, é raro que nesta parte do distrito do Pôrto as vacas turinas não amamentem dois vitelos — primeiro a sua cria, depois um arouquês.

Nem todos os concelhos dedicam igual interêsse à recriação do gado turino. Os da zona abastecedora de leite à cidade do Pôrto apenas recriam vitelas para substituir as vacas reformadas.

Os adolescentes não entregues ao matadouro seguem, mais ou menos desenvolvidos, para os concelhos de Penafiel, Paredes e Paços de Ferreira, sendo os machos mais geralmente destinados aos dois primeiros e as fêmeas recriadas no de Paços de Ferreira, donde voltam muitas vezes ao Pôrto já afilhadas.

Nestas condições notam-se por vezes na estrada do Pôrto a Penafiel grupos de novilhos e novilhas turinas que saem da região onde se criaram, grupos êsses que cruzam com outros de bois de diferentes raças, incluindo os turinos, que vêm a caminho do matadouro do Pôrto.

O maior centro de recriação de novilhos é o concelho de Penafiel e seus

limitrofes. A recriação das novilhas faz-se em todos, mas toma especial relêvo no de Paços de Ferreira, como dissemos.

Funções económicas—Referimos a da produção do leite e a de trabalho e ceva.

Galactopoeia — A grande difusão do gado turino deve-se à sua vocação leiteira especial, que suplanta bastante a das vacas das raças autóctones.

No entanto a produção anual das vacas turinas é bastante inferior comparada com a da raça donde procedem. Se nalguns concelhos a média anual atinge 1.800 a 2.000 litros, noutras zonas, particularmente na beira-mar dos concelhos de Matozinhos, Vila do Conde e Póvoa do Varzim, ela baixa para 1.200 litros, observando-se isso muito especialmente na freguesia de Lavra, do concelho de Matozinhos, consequência do abuso cometido pelos lavradores, que empregam as vacas em trabalhos agrícolas — na lavra das terras, na tracção dos carros ou a moverem pesadas noras.

Mas outro importante factor concorre para baixar a produção e reduzir a capacidade galactófora — a deficiente ginástica funcional da glândula mamária.

A mungidura é feita por uma forma irracional e incompleta; a massagem final da glândula, como estimulante da secreção, não é, a bem dizer, conhecida.

O analfabetismo e a incultura em estreita aliança com o receio de aceitar as práticas mais convenientes constituem um dos maiores obstáculos à racional exploração da vaca leiteira.

Mas êstes inconvenientes agravam-se ainda em certas zonas onde a defeituosa organização do comércio do leite não consente efectuar mais de uma mungidura por dia — a da manhã.

Esta circunstância dá-se na zona abastecedora do Pôrto, a qual engloba esta cidade, o concelho de Matozinhos e grande parte dos de Vila Nova de Gaia, Gondomar, Valongo, Maia e Vila do Conde. Nesta área o leite, para ser vendido cedo, é mungido em péssimas condições higiénicas, geralmente no aido, entre a uma e as seis horas da manhã consoante a distância a que o estábulo fica do local do consumo.

A agravar as más condições higiénicas e técnicas da mungidura, as vacas são muitas vezes apoiadas pelas crias, as quais, depois de dada por concluída a ordenha, ficam com as mães durante algumas horas, por vezes até à tarde.

A mungidura da tarde apenas se realiza nalguns estábulos situados dentro da cidade, para cujo leite há fregueses certos.

Nas regiões onde o leite se destina à indústria de lacticínios, os alojamentos peoram mas a mungidura pratica-se já duas vezes ao dia. Então o leite, distribuído às fábricas de lacticínios ou postos de desnatação, é mistura do da tarde com o da manhã.

Como complemento dos principais factores responsáveis do fraco poder lactífero das fêmeas turinas devemos ainda mencionar a mamite, muitas vezes consequência da repleção forçada do úbere nas vacas expostas nas feiras, que vai ao ponto de provocar a saída espontânea do leite.

Trabalho e ceva — Como dissemos, a recriação dos novilhos turinos toma capital importância no concelho de Penafiel e limitófes. É também nesta zona que mais se explora a função dinamófora dos bois turinos, que noutras partes começa a ser igualmente utilizada em maior ou menor grau. Enquanto os animais se desenvolvem, o lavrador vai-lhes aproveitando o trabalho até aos 6 anos, em que são enviados ao matadouro.

A tal ponto se tem desenvolvido a exploração dos bois turinos no concelho de Penafiel, que hoje se pode ali considerar em três quartos o número destes animais em relação aos da raça barrosã.

Afirmam os lavradores que os bois turinos são mais precoces que os barrosãos e satisfazem perfeitamente aos trabalhos de lavoura. Cevam com relativa facilidade mercê de uma voracidade e poder de assimilação que é apanágio das raças leiteiras, e chegam a dar no matadouro pesos altamente lisongeiros. Por curiosidade mencionamos o pêso de 741 quilos e 736 quilos de carne limpa de uma junta de bois holandeses-turinos, cevados no concelho de Vila do Conde e abatidos no matadouro de Matozinhos pela Páscoa deste ano. Outro boi, abatido pela mesma ocasião no matadouro do Pôrto, deu 603 quilos de pêso limpo.

Outro factor que despertou interêsse pela recria de novilhos turinos, foi o consumo do mercado de Lisboa, onde os bois turinos se pagavam melhor que no Pôrto.

O preço do gado turino melhorou últimamente bastante com a intervenção da Junta Nacional dos Produtos Pecuários; aproximando-o da cotação das melhores raças de carne, deve ter influenciado também favoravelmente a exploração destes bois em detrimento dos das raças autóctones, particularmente da barrosã.

Na orla litoral ao norte do Douro as vacas turinas são também exploradas na função dinamófora, procurando assim os mais pequenos proprietários obter da exploração bovina o máximo de rendimento. A estes animais, em regra de boa corpulência, é pedida a produção de crias, de leite, de trabalho, de estrume e, finalmente, de carne.

Para estes pequenos lavradores as vacas são os seus animais de trabalho, que lhes dão a mais uma cria por ano e diariamente uma apreciável quantidade de leite, mormente na época em que o trabalho não prejudica a lactação, com a venda do qual conseguem, durante um período mais ou menos longo, um pequeno mas valioso rendimento quotidiano, de suma importância para a economia da sua casa.

Alimentação — A alimentação do gado turino, designadamente das vacas, não diverge sensivelmente da indicada para as restantes raças. Nas proximidades do Pôrto os nabos entram muitas vezes no arraçoamento; a beterraba menos habitualmente.

O trevo encarnado, de que se faz alguma cultura, é freqüentemente destinado às vacas leiteiras.

Nalgumas explorações, nas épocas de crise alimentar, as vacas recebem uma ração suplementar de farelo ou de farinha de milho em beberagem.

O leite destas vacas, com médias de 3,3 a 3,5 % de gordura, baixa em regra de teor butíroso na Primavera, época da abundância de pastos verdes muito aquo-

sos, constituídos quási sempre por gramíneas, em poucos casos por leguminosas. O desequilíbrio alimentar conduz muitas vezes à produção de leites abaixo dos limites legais, especialmente em gordura.

Pode dizer-se que caiu em desuso o costume dos possuidores de vacas leiteiras do Pôrto as porem *a penso* em concelhos próximos, já pela grande expansão das vacas turinas nesses departamentos administrativos, já pelo mau tratamento por vezes dado aos animais. Este arranjo permitia no Pôrto o maior número possível de vacas em produção, que depois de sêcas eram entregues a pensadores mediante retribuição em dinheiro ou de outra natureza, até regressarem ao estábulo ao aproximar-se o tempo do parto.

Alojamentos — Apenas 5 % das vacas leiteiras da zona desta Intendência de Pecuária se encontram em estábulos com regulares condições higiênicas, uns na área do Pôrto e outros numa ou outra mediana exploração agrícola mais cuidada dos concelhos do distrito.

No Pôrto os estábulos higienizados contam-se por 350, alguns dos quais se podem considerar modelares.

O maior estábulo da região é o da Quinta da Tapada, no concelho de Louzada, construído segundo o sistema americano e com capacidade para 51 vacas.

Os restantes estábulos são constituídos pelos aidos, que descrevemos, absolutamente impróprios para alojar animais produtores do alimento mais completo que se conhece, e o único recurso nutritivo e dietético que às crianças e doentes muitas vezes se pode dar.

Mercados — Os principais mercados de gado turino são os de Cô, Penafiel, Areosa e Vila do Conde.

O mercado de Cô, largamente concorrido por vacas turinas recriadas no concelho de Paços de Ferreira e primíparas na sua maioria, tem decaído um pouco quanto a transacções destas vacas depois que outras feiras dêste gado se foram desenvolvendo em vários concelhos limítrofes. No entanto é no Cô que ainda se faz a principal procura de vacas leiteiras, grande número delas para fora da área desta Intendência de Pecuária.

Como já referimos, muitas das vacas ali transaccionadas foram criadas nas proximidades do Pôrto, para onde voltam com frequência.

Na Areosa, subúrbios do Pôrto, transaccionam-se vacas de tôdas as idades e adolescentes. Esta feira, no coração da zona abastecedora do Pôrto, tende a desenvolver-se e nela adquirem os negociantes muitos novilhos e novilhas que vão a recriar na zona central do distrito, para onde seguem a pé ou, mais frequentemente hoje, transportadas em camionetas.

A feira de Penafiel, onde também aflui enorme contingente de reses turinas, não só constitui o principal mercado de bois turinos da região, como um importante centro de comércio de novilhos, destinados à recria, e de vacas em produção.

A feira semanal de Vila do Conde, bom mercado de vacas turinas, interessa principalmente à zona litoral. De alguns concelhos do distrito de Braga, e mesmo do de Viana do Castelo, vêem compradores procurar vacas nesta feira.

Fora estas, outras feiras interessam localmente ao gado turino, porém sem o cunho da importância destas.

Os bois em estado de carnes, que não são abatidos no Matadouro Municipal do Pôrto, seguem em caminho de ferro para a capital.

Das vacas refugadas pequena percentagem é abatida neste distrito; a maior parte delas segue para o Sul, onde acabam em vários matadouros, particularmente no de Lisboa, quando não são negociadas na feira da Malveira.

O mesmo destino tomam os touros de cobrição.

RAÇA BARROSÃ

Descendo pela província do Minho, a raça barrosã, cujas características são bem conhecidas, expandia-se desde o seu solar de origem até ao rio Douro, tendo por limite o Tâmega ao nascente.

A sua criação, recriação e ceva fazia-se em grande escala no distrito do Pôrto até há cerca de 45 anos. O recenseamento pecuário de 1870 acusava um bom progresso na ceva do gado desta raça por virtude da exportação que dêle se fazia; acentua-se mesmo que a recriação se praticava com menor interesse do que a ceva.

Então por toda a área de dispersão da raça se procedia também à criação, aproveitando-se grande parte do leite para consumo directo na cidade do Pôrto ou para abastecer uma rudimentar indústria de manteiga.

Como seria natural, a exploração das vacas concentrava-se de preferência nas freguesias mais elevadas de cada concelho; nas zonas de vale ou suave colina, de maiores produções forrageiras, praticava-se alguma recriação e a ceva dos bois, esta particularmente desenvolvida na região litoral.

A difusão do gado turino determinou, a bem dizer, o abandono da exploração leiteira com a vaca barrosã, circunscrita actualmente a algumas fêmeas nos concelhos de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, a produção anual das quais não deverá exceder 600 litros de leite, bastante butiroso.

A criação perdeu do mesmo modo o seu interesse; as vacas barrosãs, também chamadas *barrosas* ou *marelas*, têm recuado no sentido do seu solar de origem por forma a ocuparem hoje apenas as partes mais acidentadas dos dois citados concelhos e as dos de Santo Tirso, Paços de Ferreira, Penafiel e Felgueiras. Fora destas zonas só se encontram algumas vacas dispersas por várias casas de lavoura nos concelhos da Maia, Gondomar, Lousada e Amarante.

No distrito existem presentemente 17 postos de cobrição servidos por touros barrosãos, alguns dos quais na contingência de encerrar dentro dos próximos anos.

A recriação de novilhos, que nunca foi muito desenvolvida no distrito, encontra-se quasi apagada; os terrenos pascigosos onde se praticava essa recriação foram ocupados pela vaca turina.

Os animais de trabalho são adquiridos, a maior parte das vezes já feitos, nas feiras de Famalicão, do distrito de Braga.

A ceva decaiu grandemente e a engorda de bois até ao estado fino gordo constitui hoje uma manifestação de vaidade, bastante cara em regra.

Como pesos máximos dos bois barrosãos abatidos na Páscoa do corrente ano

apontamos o de 460 quilogramas, o de 431 e o de 425. Muito raros são os animais com pêso limpo superior a 500 quilos.

A área dos bois barroços tende também a reduzir-se ou a infiltrar-se por outras raças, designadamente pelo gado marinhão e turino de trabalho.

O concelho de Penafiel tem sentido bastante o desaparecimento do gado barroço em proveito do turino e na zona litoral ao norte do Douro vai-se gradualmente infiltrando o gado marinhão.

Já em referência à sub-raça turina apontamos os factores que levaram à preferência dos bois dessa sub-raça.

Quanto ao gado raiano ou marinhão, observa-se que não só os carreteiros lhe vão dando maior apêço pela melhor ligeireza do andamento dêstes bois, como também os médios lavradores, que necessitam de possantes animais de trabalho, têm nêles encontrado bons substitutos dos reforçados bois barroços, freqüentes antigamente nas feiras da região e hoje difficilmente adquiríveis, com a vantagem do gado das marinhas ser mais constante e tranquilo no trabalho, isto é, sem o temperamento nervoso e os arrancos impulsivos do barroço.

Além de mais enérgicos trabalhadores, os bois barroços são apreciados pela sua excelente aptidão cevatriz, produção de óptima carne e boa valorização da sua pele. Os marchantes do Pôrto distinguem sempre esta raça, que pagavam pelos melhores preços.

A tendência actual para a uniformização do preço do gado, sem atender a raças nem a sexos, mas apenas à qualidade das reses, virá sem dúvida incitar a exploração das raças de menor valia, entre as quais se destaca o gado turino.

Os principais mercados de gado barroço são o de Vila do Conde, Santo Tirso, Felgueiras, Penafiel, Cô e Lousada.

Aos três primeiros afluem vacas e bois; no de Cô observam-se quâsi sômente aquelas; no último apenas quâsi se negociam bois de trabalho e de talho.

O distrito do Pôrto é deficiente em bovinos barroços, muitos dos quais, destinados ao trabalho ou ao matadouro, procedem do distrito de Braga.

RAÇA AROUQUESA

Em duas zonas opostas se explora o gado arouquês: — uma, no litoral, compreende especialmente o concelho de Vila Nova de Gaia; outra, na parte mais oriental do distrito, abrange, por ordem de importância, os concelhos de Baião, Amarante e Marco de Canaveses.

Na zona litoral êste gado, denominado *serrano*, é explorado principalmente em função de trabalho ao lado do marinhão; ao norte do Douro os bois arouqueses encontram-se no Pôrto e parte confinante dos concelhos da Maia, Matozinhos e Gondomar.

A área de criação do gado arouquês vai nesta zona retrocedendo na direcção do distrito de Aveiro; só restam muito poucas centenas de vacas na parte sueste do concelho de Vila Nova de Gaia, o leite de algumas das quais é aplicado na indústria do fabrico da manteiga, para o que ali existem postos de desnatção. O pro-

duto da ordenha, que difficilmente atingirá 800 litros por ano, é muito rico em matéria gorda.

A segunda zona do gado arouquês, também lá chamado *paivoto*, tem importância muito superior à primeira, não só pelo número avultado de cabeças, vacas principalmente, como pelo tipo, particularmente no concelho de Baião, onde por ausência de outras raças este gado se conserva em estado bastante puro. Nesse concelho, essencialmente criador, o gado arouquês é, em regra, de compleição mais robusta e um pouco maior de estatura que o das outras melhores regiões da raça. Parece contudo de menor aptidão lactífera, para o que certamente há-de concorrer o facto das vacas não serem mungidas.

Interessada no melhoramento desta raça bovina, a Intendência de Pecuária do Pôrto tem dado o seu mais vivo aplauso à organização dos concursos pecuários em Amarante, iniciativa do antigo Sindicato Agrícola dessa vila, hoje organizado, segundo os termos da nova Ordem Corporativa, em Grémio da Lavoura. Ela própria resolveu há dois anos promover um concurso anual de gado bovino arouquês em Campelo, sede do concelho de Baião, cujos resultados têm sido tão animadores, que se antevê a necessidade de lhe dar mais ampla organização.

Fugindo à regra geral das outras raças bovinas, cuja castração dos machos se executa relativamente cedo, os novilhos da raça arouquesa são capados tardia-mente, por volta dos dois anos. Este facto, que deve reduzir um pouco a estatura dos bois arouqueses, é seguido por tradição na região montanhosa, com o fim de tornar os animais mais largos, embora atarracados, e de ficarem, como dizem os lavradores, com cabeça mais larga e melhor cachaço.

A castração tardia tem originado inconvenientes ao regular funcionamento dos postos particulares de cobrição nos concelhos de Amarante e Marco de Canaveses, cujos donos substituem com muita freqüência os reprodutores, não raro novilhos de dois anos, ainda que bons exemplares, por outros às vezes de inferior conformação e desenvolvimento.

Associam assim o interêsse da indústria que exercem com o da recria dos animais, que castram na idade em que na região é hábito proceder a essa operação.

É interessante notar que no concelho de Baião nunca se havia registado qualquer posto de cobrição, conquanto existissem clandestinamente. Devia-se isso ao grande número de novilhos inteiros dispersos pelos casais agrícolas, cujos proprietários, mediante pequena remuneração, anuíam lançá-los às vacas enquanto os não capavam.

Reconhecida a difficuldade de reprimir tal abuso, e considerando a imperiosa necessidade de defender a pureza da raça pelo estabelecimento de postos fixos de reprodução, a Intendência de Pecuária do Pôrto, mediante prévio consentimento superior, instalou no concelho de Baião cinco postos mistos, de cuja exploração se encarregaram as Juntas de Freguesia, providos com touros do Estado adquiridos entre os novilhos premiados nos concursos pecuários de Amarante e de Baião.

Em qualquer dos três concelhos da zona serrana, onde se faz bastante recriação desta raça, os novilhos cedo começam o labor agrícola.

As vacas, exploradas pela criação e trabalho, são jungidas aos característicos carros maroneses por meio de molhelha.

Encontram-se nesta zona muito boas juntas de bois arouqueses, os quais, pela sua habitual índole agressiva, resultante certamente da castração tardia, têm sido em grande parte substituídos por maroneses.

Na zona litoral o principal mercado de gado arouquês é o dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia, onde se transaccionam bois de trabalho, muitos vindos do distrito de Aveiro, e animais de talho, êstes destinados aos Matadouros Municipais de Vila Nova de Gaia e Pôrto.

Na zona montanhosa, três são as feiras principais dêste gado: a do Cavalinho, onde afluem principalmente vacas e crias, fora bois de trabalho e ceva; a de Baião, mercado essencialmente de vacas e vitelas, onde aparecem excelentes vacas de criação e trabalho; a do Marco de Canaveses, onde acima de tudo são procurados bois de trabalho e de ceva, fora os novilhos para recriação, muitos dêstes procedentes dos concelhos de Baião e Amarante.

Os marchantes do Pôrto têm nestes três mercados uma grande fonte abastecedora de gado adulto e adolescente.

RAÇA MARONESA

O gado maronês do distrito do Pôrto é contituído quasi exclusivamente por bois e novilhos oriundos do distrito de Vila Real.

Podemos admitir uma centena de vacas nas freguesias localizadas na serra do Marão em contiguidade com a região trasmontana.

Por via de regra, os novilhos maroneses são adquiridos na feira da Campeã, naquele distrito, e negociados seguidamente na feira do Cavalinho, do concelho de Amarante, onde, dispostos em filas, se observam muitos dêsses adolescentes, destinados a recriar neste concelho ou no de Marco de Canaveses. Êstes novilhos, até atingirem o estado adulto, são geralmente objecto de várias transacções.

Outras vezes os lavradores adquirem os bois já feitos no distrito criador.

O gado maronês, também conhecido por *montanheiro* e muito apreciado no distrito do Pôrto pelas suas excelentes qualidades de trabalho em terreno acidentado, presta serviço no concelho de Amarante, no do Marco e um pouco na zona ribeirinha do Douro do concelho de Baião. Menos arisco que o arouquês, tem invadido a área de expansão dêste, designadamente no concelho de Amarante, onde hoje já figura em número muito superior e com tendência para o suplantar mais.

A atrelagem dêste gado é a típica da sua região de origem.

Atingindo 6 a 7 anos de idade, os animais, depois cevados, são remetidos ao matadouro do Pôrto, onde os designam por *galheiros*.

As feiras que interessam a esta raça, são as do Cavalinho, onde se transaccionam novilhos e algumas juntas de bois de trabalho e ceva, e a do Marco de Canaveses, onde só quasi afluem bois (ausência, a bem dizer, absoluta de novilhos).

Estas feiras constituem, em relação a esta raça, bons mercados abastecedores do matadouro do Pôrto.

GADO MARINHÃO

Esta variedade da raça mirandesa, também denominada *gado raiano* ou *arraiano*, acha-se representada neste distrito por bois criados e recriados na região de Aveiro, principalmente nos concelhos de Estarreja, Murtosa e Ovar.

Os animais de maior estatura que aparecem no distrito do Pôrto, em regra desarmónicos, de cabeça comprida, estreita e com perfil a propender muitas vezes para convexo, apresentam aspecto ossudo e quarto posterior pouco desenvolvido.

Pernalteiros, trabalham mais ligeiramente que os barrosãos e parece esgotarem-se menos por mais calmos, sem os arrancos impetuosos destes. Por não haver hoje tanta facilidade de encontrar bois barrosãos de grande corpulência, muitos lavradores dos concelhos da Maia, Matozinhos, Gondomar e Vila do Conde estão a preferir êste gado ao que lhe era próprio.

É notável, de facto, a expansão do gado marinhão na zona litoral ao norte do Douro, onde êstes animais se encontram com frequência até próximo de Vila do Conde.

Da mesma forma que o turino, o marinhão tem beneficiado da cotação do gado de ceva, nos últimos tempos fixada.

O seu principal mercado é o dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia.

RAÇA GALEGA

É a raça bovina com menor número de representantes na área desta Intendência de Pecuária, onde outrora abundou na zona litoral.

Os exemplares desta raça têm-se reduzido a ponto de hoje apenas se encontrarem alguns bois de trabalho, cêrca de umas 250 cabeças, dispersos por boas casas agrícolas dos concelhos da Póvoa de Varzim e Vila do Conde.

Estimados como trabalhadores, os animais desta raça provêm de Viana do Castelo e são comprados, em número muito restrito, na feira de Vila do Conde.

O seu destino, depois de cevados, é o matadouro do Pôrto.

GADO CHAVEIRO

No concelho de Marco de Canaveses observam-se bastantes bois de trabalho denominados *chaveiros*, designação tirada, da sua região de origem — o concelho de Chaves.

Êstes bovinos, com caracteres das raças maronesa e mirandesa, procedem sem dúvida de cruzamentos ali efectuados.

Muito bons para trabalho, entram nesta região com o gado maronês, com o qual figuram também no mapa da distribuição das raças bovinas aqui apenso.

SUÍNOS

Duas raças principais a considerar na área desta Intendência de Pecuária: uma autóctone, derivada do porco céltico, — a bísara; outra exótica, a Yorkshire, representada sobretudo na sub-raça Large-White.

É certo que exemplares de outras raças, e desde largos anos, foram importados para a região, mas a sua influência não se tem manifestado por forma bem definida; encontra-se uma pequena percentagem de animais com caracteres estranhos àqueles dois grupos étnicos sem que muitas vezes possa julgar-se da sua ascendência.

A raça bísara, cujas características são bem conhecidas (desenvolvido esqueleto, altura de membros, achatamento dos costados, comprimento da cabeça e orelhas e atitude arqueada do dorso), ocupa tóda a área do distrito, mas apresenta a sua maior densidade nos concelhos acidentados do nascente.

Animais em regra pouco precoces e muito sóbrios, mostram por vezes apetite caprichoso.

A raça Yorkshire, sobretudo na sua forma Large-White, muito justamente apreciada, encontra-se largamente difundida no distrito e pode dizer-se que, em maior ou menor quantidade, figura em todos os concelhos, principalmente no do Pôrto e limítrofes, onde os porcinos Large-White, puros ou cruzados com os bísaros, têm maior representação numérica.

Algumas casas de maior criação Large-White, que bastante contribuem para a grande densidade suína do Pôrto, são os estabelecimentos hospitalares, os quartéis, hotéis, etc., que possuem, em regra, animais dêste tipo para aproveitamento dos resíduos de comidas.

Fora dos concelhos limítrofes do Pôrto faz-se desenvolvida criação dêstes animais em fábricas de lacticínios ou em postos de desnatção, para aproveitar o leite desnatado ou o sôro.

O cruzamento industrial pratica-se em alguns dêsses estabelecimentos fabris, notando que os mestiços são mais precoces que os indivíduos das raças progenitoras.

Os suínos são, na sua quási totalidade, mantidos em estabulação permanente. O porco criado em liberdade constitui excepção.

Fazendo parte da economia doméstica dos casais agrícolas, são êles que, pela sua aptidão omnívora, aproveitam os desperdícios alimentares de todo o género e constituem, a bem dizer, o único alimento cárneo que entra nas frugais refeições dos pequenos lavradores.

A alimentação não vai geralmente além de águas gordas das cozinhas, couves, ervas, alguma batata de refugo e alguma farinha de milho em beberagem.

Esta alimentação é tanto mais parca quanto mais pobre o casal agrícola. A maioria dêstes pequenos proprietários não gosta de recriar ou cevar porcos Large-White em virtude da economia do casal não comportar a voracidade dêsses animais.

Só nos últimos meses de ceva os porcos são alimentados intensivamente com farinha de milho.

Nas zonas piscatórias da beira-mar empregam resíduos de peixe na alimentação dos suínos, que transmitem à carne um pronunciado sabor muito desagradável. Embora a produção seja avultada, o distrito não se basta.

O matadouro do Pôrto absorve grande quantidade de suínos da região.

Quando a oscilação de preços o permite e a ceva no Alentejo se faz em larga escala, observa-se nas feiras grande quantidade de suínos alentejanos, muito apreciados pela sua gordura.

Este facto deu-se especialmente há dois anos, com grave repercussão na suinicultura regional.

Os alojamentos são, por via de regra, dos mais rudimentares. A não ser nos centros urbanizados ou nas mais importantes casas de lavoura, o chiqueiro, pequeno e imundo abrigo vedado por ripas de madeira, fica junto da habitação.

CABALINOS

A espécie cavalari encontra no distrito a sua maior densidade nos concelhos de relêvo acidentado, que dão acesso aos contrafortes do Marão, onde êstes animais se tornam indispensáveis para vencer distâncias por caminhos tortuosos e de piso irregular, por isso intransitáveis com outros meios de transporte, que não seja o cavalo de carga ou de sela.

Se êstes cabalinos, por via de regra, o resultado do cruzamento de éguas de raça luso-galiziana com cavalos de marca do tipo árabe ou peninsular, como consequência da acção dos postos hípicas oficiais, instalados há bastantes anos nos concelhos de Amarante e de Baião pelas entidades do Ministério da Guerra e da Agricultura. Por êste motivo, ainda que se encontrem alguns animais do tipo luso-galiziano, a maior parte traduz a influência dos progenitores masculinos daqueles postos, apresentando o aspecto de cavalos pequenos.

O garrano, tipo mais adequado à região montanhosa, tem desaparecido pela acção desses cruzamentos, de que não resultam animais aceitáveis para o Exército nem de tanto préstimo para o meio onde nasceram.

Na ano transacto, por iniciativa desta Intendência de Pecuária, foi instalado um posto hípico oficial no lugar da Feira do Cavalinho, concelho de Amarante, e outro na sede do concelho de Baião, ambos servidos por garanhões luso-galizianos. A instalação dêste dois postos animou os possuidores de éguas daquela região e daqueles reprodutores nasceram já interessantes crias.

Na zona litoral, concelhos de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, e mais dispersamente nos da Maia, Santo Tirso e Valongo, ainda existem restos duma antiga criação cavalari mantida através dos postos oficiais de Vila do Conde e S. Romão do Coronado, para onde têm sido destacados, primeiro pela Comissão Técnica de Remonta e agora pela Estação Zootécnica Nacional, garanhões de marca.

A criação cavalari na zona litoral não voltará no entanto a aproximar-se da importância passada. A pequena e mesmo a média propriedade desta região, cuja

exploração é cada vez mais intensiva, não consente apascentar como nas lezírias do Ribatejo. Por outro lado o interesse pelo cavalo é cada vez menor nestes conce-
lhos, servidos hoje por uma apertada rede de boas estradas onde circulam cami-
nhetas em todos os sentidos, fora o emprego da bicicleta, de uso muito
difundido.

A criação cavalari é cara, principalmente nesta região, onde os animais não
podem manter-se em estabulação permanente. A deliberação adoptada pelo Exér-
cito, de só adquirir cavalos com a idade mínima de quatro anos, esmoreceu o
entusiasmo dos lavradores apaixonados pela criação cavalari, que só com sacrifício
a mantinham. O já reduzido efectivo de éguas de marca não tardará a ressen-
tir-se na quantidade e qualidade.

Na zona a que nos estamos referindo, podem existir cerca de 80 éguas, mais
de metade das quais registadas como produtoras de cavalos para o Exército. No
entanto bom número delas destina-se à produção mulateira, com grande proveito
dos seus proprietários, já pelo preço mais remunerador destes híbridos, já porque
deles se podem desfazer cedo.

Regime hígienico — A característica da propriedade não permite a
apascentação dos grandes herbívoros em regime manadio, periódico ou permanente.

Os cabalinos de marca, bem como outros das zonas menos acidentadas do dis-
trito, mantêm-se em regime estabular permanente.

Nas regiões de relêvo mais acentuado, os pequenos cavalos e os garranos,
nas épocas em que mais falha o penso verde, são apascentados pelos caminhos, no
mato das bouças ou nos terrenos baldios.

Nas proximidades da serra do Marão observa-se o regime manadio, princi-
palmente nas quadras menos frias, usado por proprietários confinantes com ter-
renos incultos ou baldios da serra, para onde lançam uma ou duas éguas garranas
que possuem, as quais regressam muitas vezes à corte sem necessidade de as re-
colher. O animais não assumem o aspecto bravo dos seus congéneres do distrito de
Viana do Castelo.

Exceptuados os animais de marca, apanágio dos lavradores com o culto do
cavalo e alimentados a palha de trigo e verde nas épocas próprias, aos quais os
donos dão ração concentrada, geralmente de milho e aveia, o sustento dos eqüinos
do tipo regional é muito desprezado, contrariamente ao que se observa com o dos
bovinos.

São os alimentos mais grosseiros, as piores forragens secas ou verdes, das
quais os bovinos tirariam maior proveito que os cavalos, que a estes são ministra-
dos na corte. O abandono dos animais em terrenos bravios, onde procuram a magra
pastagem, como se observa muitas vezes na zona serrana, bem indica o pouco
apreço em que os eqüinos são tomados.

As cortes dos cavalos, que pouco diferem das dos bovinos, são providas de
mangedouras.

As finalidades dos cabalinos são o serviço de sela, o de carga a dorso e o
de tiro ligeiro.

Por todo o distrito se empregam no serviço de sela, mas com maior frequência nos concelhos acidentados.

O cavalo do tipo garrano, indispensável nesta zona, vai-se tornando mais desnecessário à medida que nos aproximamos da região litoral.

Da mesma forma, a carga a dorso é habitual nas regiões acidentadas. São os moleiros os maiores utilizadores do cavalo nesse serviço.

O tiro ligeiro de pequenas carroças de feirantes observa-se em todo o distrito.

Na zona litoral ao norte do Douro ainda se vêem parelhas de éguas dos lavradores-criadores engatadas a carros de quatro rodas. Nesta zona os cabalinos são também empregados em ligeiros trabalhos agrícolas, atrelados a semeadores ou sachadores.

Na cidade do Pôrto empregam bom número de cavalos no serviço de tracção.

As feiras periódicas não incluem a espécie cavalar. As transacções efectuam-se apenas em feiras anuais, as mais importantes das quais são a do Cavalinho (Amarante), em 29 de Abril; a de Campelo (Baião), em 24 de Agosto; a de Margaride (Felgueiras), no domingo seguinte ao da Páscoa; a de Freamunde (Paços de Ferreira), em 13 de Junho; as de Penafiel, em 11 de Abril e 11 de Novembro. Tôdas estas feiras são, principalmente, de cavalos pequenos, agarranados; os cavalos de marca são transaccionados nas feiras de Famalicão, distrito de Braga.

OVINOS

Não possuindo êste distrito grandes baldios nem propriedades latifundiárias, a exploração ovina é naturalmente diminuta. Só a bovicultura, pelas condições especiais do meio, prende a atenção do lavrador. Contudo, apesar da enorme importância dos bovinos nesta região e das altas produções unitárias que se procuram tirar da terra, a riqueza vegetativa, em tôdas as quadras do ano e nos terrenos mais ingratos, ainda deixa apurar densidades de gado lanar superiores a 60 cabeças nos concelhos mais acidentados do distrito e a média geral de 42,6. Embora esta densidade seja apreciável, a massa ovelhum nem por isso representa grande valor pecuário, já pela forçada exploração anti-económica, já pela dificuldade que a sua distribuição, por um número muito avultado de possuidores, oferece a uma definida orientação de fomento.

Características — A ovinocultura é fundamentalmente matéria de economia caseira.

Conforme a regra geral do País, os ovinos dêste distrito filiam-se no tronco ibérico e no tronco africano, encontrando-se os seus representantes com maior ou menor predomínio dos caracteres de um dêles, consoante a altitude.

Assim, na zona baixa do litoral, os ovinos, representados por parentes próximos do tronco africano, alguns bastante amerinados, caracterizam-se por um velo relativamente extenso, tochado e sugoso, de lâ finamente frisada, macia e de madeixas cilíndricas; robustos e pouco pernalteiros, as fêmeas têm úberes reduzidos

e o pêso médio é nelas de 35 quilos e nos machos de 55. São êstes animais conhecidos por *meirinhos*, deturpação bastante antiga do vocábulo merino.

Êstes ovinos, do tipo bordaleiro comum, ocupam tôda a zona litoral, mas os melhores exemplares encontram-se principalmente na área dos concelhos do Pôrto e da Maia.

Nas zonas central e montanhosa, onde quási só vivem indivíduos dos tipos feltroso e churro, nos dêste tipo poucos se encontram com características idênticas às do tronco pirenaico. A cabeça, ventre e membros não são deslanados como nos arietinos daquêle tronco e só raramente se observam madeixas com a totalidade dos filamentos longais.

Os animais desta zona apresentam velo ainda regularmente extenso, que veste parte do frontal e ventre e desce até aos curvilhões, mas pouco tochado, com sugo variavelmente abundante; a lâ, mais ou menos áspera segundo os animais vivem a monte ou em campos de cultura, é muito freqüentemente contituída por filamentos frisados de mistura com outros longais, o tôdo com aspecto feltroso. Com caracteres lactoscópicos regularmente desenvolvidos e de estatura média, as fêmeas atingem cêrca de 30 quilos e os machos 45.

Conquanto ambas criem o mesmo tipo ovelhum, a zona montanhosa tem mais alta densidade ovina e maior percentagem de indivíduos de inferior qualidade. Nesta região de altitude, onde aumentam os bravios, a um clima mais rigoroso associa-se maior deficiência alimentar, o que sem dúvida se repercute desfavoravelmente nas características dos animais, embora os criados exclusivamente nas pastagens da montanha, denominados *galegos*, nem por isso apresentem sensivelmente, como à primeira vista seria de supor, muito menos corpo que os alimentados em campo, por tal motivo chamados *campinos*.

Na verdade, não se observam indivíduos ananizados, muito embora os terrenos do distrito, particularmente os das cumeadas, sejam bastante pobres em cal e fósforo, facto talvez explicável pela relativa abundância de pastos, mesmo nas quadras mais rigorosas do ano.

O velo dos ovinos galegos oferece no entanto flagrante contraste pelo seu aspecto grosseiro, áspero, eriçado, composto de fêveras menos resistentes e mais curtas.

A relação dos ovinos prêtos para os brancos varia entre 10 e 50 %, notando-se que nos concelhos marítimos ao norte do Douro é onde se encontram maiores percentagens de animais prêtos, que decrescem rapidamente em número para o interior até aos contrafortes do Marão.

Regime higiotécnico — O conhecimento da região, desprovida de logradouros comuns ou de extensas propriedades, antes dividida em pequenas courelas intensivamente cultivadas, deixa compreender como se torna impossível explorar rebanhos de numerosas cabeças e recorrer ao regime de pastio permanente.

Os grupos de ovinos são compostos, nos concelhos do litoral ao norte do Pôrto, por 4 a 6 cabeças, em regra. Êstes números, que baixam a 3 e 2 nos restantes concelhos da parte mais baixa do distrito, aumentam progressivamente à medida que se

caminha para o interior, e assumem a sua mais alta expressão nos concelhos acidentados de Amarante e Baião, onde com freqüência se deparam rebanhos de 20 a 25 cabeças, embora pertencentes a diversos indivíduos, 6 a 7 animais por dono.

Grande parte dos ovinos da área menos acidentada do distrito acompanha os bovinos na pastagem; quando porém assim não acontece, os pequenos grupos de ovinos são geralmente guardados por crianças ou velhas. Os maiores rebanhos na região montanhosa andam confiados a rapazes, que os apascentam em baldios ou incultos particulares e recebem pela guarda metade da lã e das crias.

No regime semi-estabular, correntemente seguido para o gado galego nos concelhos mais acidentados, os animais, apascentados em baldios ou incultos, não chegam por via de regra a sentir grandes crises de alimentação; contudo nos invernos rigorosos a sua nutrição ressen-te-se mais ou menos, mas não chegam a acusar estado grave de emaciação.

Também adoptam a semi-estabulação os lavradores que apascentam os ovinos nos prados dos campos de cultura juntamente com os bovinos e os enviam, seguidamente à sementeira do milho, a pastar no mato das bouças; é o regime seguido em regra com o gado campino na região sub-montanhosa.

Na zona litoral segue-se mais freqüentemente a semi-estabulação numa parte do ano e a estabulação completa no resto. É o regime adoptado pelos lavradores desta zona, onde não há suficientes extensões de bouça para ocorrer à produção de estrumes e não faltam as ervagens no Verão. Depois da sementeira do milho, os arietinos, recolhidos no ovil desde Maio a Setembro, recebem forragem verde misturada quási sempre com feno de azevém.

Raros são os arietinos explorados em regime estabular permanente. Apenas se registam casos dêstes em propriedades de elevadas produções unitárias, onde a produção do leite constitui o ramo fundamental e quási exclusivo da exploração; os ovinos participam então da alimentação das vacas leiteiras, por vezes até da ração de farelo.

As habitações do gado são constituídas por pequenos cubículos de madeira, as mais das vezes no pátio de entrada das casas agrícolas; mais raramente os ovinos alojam-se no aido dos bois, com os quais fazem vida comum.

Nos recintos onde estão encerrados, as camas vão-se acumulando em franca fermentação até a necessidade de adubar as terras obrigar a tirar o estrume ali acumulado.

Objecto da exploração — As fêmeas são mantidas até idade avançada, oito a doze e mais anos. Quando a lã se torna mais grosseira, curta e menos extensa, deixando a descoberto bastante extensão do ventre, são substituídas por *anhas*.

Os machos não passam por via de regra além de um ano; ao chegarem a essa idade, havendo deixado um *anho* na descendência, e muitas vezes mesmo sem êle, são vendidos para o talho. Segue-se geralmente esta prática para evitar a agressividade dos sementais depois daquela idade.

Como sucede freqüentes vezes com os bovinos, o recrutamento dos novos reprodutores não se faz entre os indivíduos com melhores caracteres, mas entre os que, por terem merecido menor oferta do comprador, não foram vendidos.

Nas zonas do litoral e sub-montanhosa é a erioपोese a função que interessa imediatamente ao lavrador. Não queremos afirmar que não veja nas crias algum rendimento, mas a prova de que não o move demasiadamente este fim, é o facto de se observarem frequentemente ovelhas alfeiras em anos sucessivos por falta de macho; nota-se então nestas ovelhas um velo de fêveras bastante mais compridas e porventura mais sedosas.

Já na região montanhosa a pedopöse toma tanto interesse como a produção lanar.

Eriopöse — A época da tosquia varia consoante a altitude e a proximidade do mar. Na zona litoral tosquia-se em Março, na zona média em Abril e na montanhosa ainda neste mês e em Maio; raras vezes efectua-se uma ou outra tosquia no Outono.

Quasi toda a lã é aproveitada para uso doméstico, animando a indústria caseira de fiação e tecelagem, ainda um pouco espalhada por todo o distrito.

Com a lã dos seus ovinos as mulheres preparam coturnos de lã escura, que se usam no trabalho; de lã branca, se são domingueiros; ou camisolas de malha, de preferência de lã escura, nos concelhos marítimos de Matozinhos, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, onde por esta razão os ovinos pretos são muito apreciados.

Todos os possuidores de ovinos se cobrem com cobertores brancos das suas ovelhas fabricados por toda a região, principalmente no concelho de Marco de Canaveses. Muito pouca lã se transacciona e a entregue ao comércio, com destino à indústria fabril, corresponde a alguma produção dos concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses.

Creatopöse — Não é hábito consumir a carne dos ovinos adultos, mas a dos anhos, desmamados naturalmente e vendidos à porta, entre os três e seis meses, a negociantes — *feirões* — que os procuram, principalmente pela época das festas populares do S. João; mais raramente, transaccionam-se nas feiras de Amarante, Baião e Marco de Canaveses. O grande centro de convergência e consumo destes animais é o Pôrto.

As ovelhas refugadas da criação, se não são abatidas na localidade, o que não é comum, seguem caminho dos matadouros do Sul, onde é habitual o consumo da carne de carneiro.

Galactopöse — Na área desta Intendência de Pecuária não se ordenham as ovelhas; mesmo se por turgescência excessiva do amôjo se torna necessário ordenhá-las, são os cães que aproveitam o leite. A desmama é natural.

Não se conhecem as quantidades de leite produzido; podemos no entanto julgar pelas indicações dos úberes e estado de nutrição dos cordeiros, que as ovelhas churras e feltrosas são regulares leiteiras, com capacidades de maior produção se submetidas à ginástica funcional da mungidura. O mesmo não diremos da maior parte das bordaleiras comuns do litoral, cujos caracteres lactoscópicos são bastante inferiores aos daquelas.

CAPRINOS

A par do gado muar e asinino, o caprino é dos de menor importância na exploração pecuária da região.

Espécie tida como daninha, contra a qual se levantam restrições legais e regimes de perseguição, foi lançada aos baldios da serra ou aos terrenos pobres de bouça.

Os concelhos a que esta espécie mais interessa, são os da zona acidentada — Amarante, Baião e Marco de Canaveses.

Deve considerar-se como uma das espécies pecuárias em decadência, o que em rigor pode significar um progresso na indústria pecuária desde que a sua substituição se faça por espécies de melhor quilate, como de facto parece evidenciar-se na generalidade dos concelhos, onde se nota aumento no número de ovinos.

Dois tipos morfológicos de caprinos se observam na área deste distrito. Um, que representa a quasi totalidade da população da espécie, é o da cabra serrana, também aqui designada por *alentejana* ou *mansa*; o outro é o da cabra charnequeira, vulgarmente denominada *galega*.

A primeira ocupa todos os concelhos, mesmo os da zona montanhosa, onde sobe até às maiores altitudes.

A segunda, mais pequena, menos leiteira e de maior rusticidade, é apascentada nos terrenos mais pobres da serra do Marão e seus contrafortes. De restrito efectivo, os animais deste tipo encontram-se apenas nos terrenos mais áridos.

O regime higirotécnico dos caprinos é idêntico aos dos ovinos, em cujos pequenos rebanhos figuram muitas vezes em reduzido número. Inversamente, nos pequenos fatos da zona montanhosa encontram-se algumas cabeças ovinas.

Raros são os fatos com apreciável número de cabeças fora da zona montanhosa. No entanto, no concelho de Felgueiras, encontram-se alguns com cerca de 50 cabeças, dois dos quais abastecem de leite a vila da Lixa como outrora as vacas turinas em Lisboa, isto é, a venda ambulante do leite mungido à porta do freguês. Consta-nos que tal prática foi proibida há meses.

A produção de crias é o fim capital de exploração caprina na zona acidentada. Este objectivo é hoje de um rendimento restrito em relação ao que se poderá usufruir da exploração ovina, motivo que certamente tem levado à substituição gradual de uma espécie pela outra.

No entanto, nos restantes concelhos do distrito, em que a densidade da espécie é diminuta, ao rendimento da venda dos cabritos junta-se o da venda do leite às populações das vilas ou aldeias e, embora mais raramente, o do queijo, consumido fresco.

MUARES

Pouco interessa a exploração mulateira.

O gado muar criado nesta região é, em regra, de pequeno porte; são híbridos eguariços filhos de progenitores pequenos.

Fogem a essa regra os muares criados na zona litoral, onde existem mais

éguas de marca, lançadas muitas vezes a burros de regular estatura pelos criadores descrentes dos benefícios da eqüicultura.

Fora isso, observam-se muares de boa estatura adquiridas já adultas no sul do País ou nascidas em terras de Barroso e recriadas neste distrito, designadamente na freguesia de Jugueiros, concelho de Felgueiras.

Êstes animais, vindos dos concelhos de Boticas e de Montalegre, são procurados pelos lavradores daquela freguesia nas feiras anuais da região de Basto, onde os adquirem à desmama e os mantêm em regime estabular permanente durante um ano, às vezes mais tempo, para serem vendidos a negociantes da Beira Litoral, que lhos procuram em casa.

Apesar do rendimento da recria muar suplantam muitas vezes a da exploração bovina, ela apenas é feita pelos lavradores que, por tradição, a praticam.

Não considerando o serviço de tracção na cidade do Pôrto, pode afirmar-se que a muar serve apenas neste distrito como animal de carga a dorso, muito especialmente ao serviço dos moleiros, freqüentíssimo no concelho de Felgueiras.

Os mercados são os mesmos dos cabalinos.

ASININOS

De pequena estatura e pelagem um pouco clara, os asininos da região filiam-se no tronco africano. Todavia na zona litoral encontram-se animais com tipo que os proxima do ramo europeu, cujos machos são utilizados na cobrição do contrário.

A criação desta espécie apresenta alguns indícios nos concelhos da Póvoa de Varzim, Baião e Amarante.

Pertencentes a individuos pobres, para quem representam o cavalo ou o mulo, os jumentos auxiliam os donos a ganhar o pão de cada dia.

Resistentes, embora mal alimentados, transportam por vezes pesadas cargas a dorso, servem de montada ou puxam a pequenas carroças. Na zona de mais intensa industrialização de lacticínios são também empregados no transporte do leite ou das natas.

Intendência de Pecuária do Pôrto, 19 de Junho de 1941.

O Intendente de Pecuária
Joaquim Correia da Costa

O Médico-Veterinário
Manuel Lopes Gonçalves Garcia